

3º FELiV

FESTIVAL LITERÁRIO DE VIÇOSA

COLETÂNEA DE

CONTOS,

POESIAS

E TROVAS



PREFEITURA
DE VIÇOSA

SECRETARIA DE
CULTURA, TURISMO
E ESPORTES

Ficha catalográfica preparada por
Fabiene Cristina da Silva Reis – CRB-6 / 2975

C694
2023

Coletânea de contos, poesias e trovas / Thomas Phillippe de Medeiros
Piders, Leticia Cozoli (organizadores). - Viçosa, MG: SECULT
Viçosa, 2023. (3º FELIV – Festival Literário de Viçosa).
116 p. : il. col., 18 cm.

ISBN:978-65-998361-2-1

1. Literatura brasileira - Coletânea. 2. Contos. 3. Poesia. 4. Trovas.
I. Piders, Thomas Phillippe de Medeiros. II. Cozoli, Leticia. III Título.

CDD 22. ed. B869

Expediente

Raimundo Nonato Cardoso
Prefeito de Viçosa

Thomas Phillipe de Medeiros V. Piders
Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Esportes

Letícia Cozoli
Organização e Assessoria de Comunicação

Stela Maris A. de Moura
Design da Capa

José Vecchi de Carvalho e José Roberto Duarte Moraes
Titular e suplente da cadeira de Museus, Bibliotecas, Livro e
Literatura do Conselho Municipal de Política Cultural

Esta coletânea é resultado do concurso de contos, poesias e trovas promovido pelo 3º FELIV – Festival Literário de Viçosa, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes da Prefeitura de Viçosa-MG no ano de 2023.

Sumário

<u>Contos.....</u>	<u>05</u>
<u>Poesias</u>	<u>60</u>
<u>Trovas</u>	<u>99</u>



CONTOS



“A CAIXA”

de Everson Bertucci

- Mãe, por que ele tá dormindo?

A mãe não consegue responder.

- Mãe, por que ele tá dormindo nessa caixa?

A mãe não consegue responder.

- Mãe, por que ele tá dormindo nessa caixa toda enfeitada de flor?

A mãe não consegue responder.

- Mãe, por que ele tá dormindo nessa caixa toda enfeitada de flor se a nossa cama tá toda arrumadinha lá em casa?

A mãe não consegue responder.

- Acorda ele, mãe!



“A CARTA DE ROMEU E JULIETA”

de Marina Hadlich

A carta era de 1949. Maria encontrou o documento dentro do livro “Romeu e Julieta” que pegou emprestado na casinha de livros do bairro. Ao se deparar com o clássico, não teve dúvidas: uma história de amor seria sua próxima leitura. A correspondência estava amarelada, comida por traças como alguns trechos do livro.

Abriu devagar sentindo o craquelar do papel. Cuidou para que não se rasgasse, não queria perder nenhuma palavra. O texto se dirigia à Eliza. No canto superior o registro de 12 de junho de 1949 e a cidade vizinha como local da escrita. Maria ficou curiosa como uma carta tão antiga tinha parado ali, dobrada e perdida. Eliza não quis guardá-la? O livro era um esconderijo? Ou não se lembrava de que estaria ali?

Depois das juras de amor escritas em verso, um convite para se encontrarem na ponte da cidade e selarem a promessa de viverem juntos. Eliza e... Entre as partes da carta comidas pelos bichos, estava o autor, reconhecendo-se apenas a inicial: “B”.

Maria considerou aquela história mais interessante que a de Romeu e Julieta, pois essa já conhecia o final pelos filmes. Decidiu procurar pela dona da carta e descobrir o deslinde desse romance de época real. Primeiro perguntou à mãe se conhecia alguma pessoa no bairro de nome Eliza. Diante da negativa, foi até à mulher que montou a biblioteca. Nada. Bateu de porta em porta nos arredores da casinha de livros, nenhuma notícia de Eliza.

Pensou que só uma pessoa poderia conhecer todos os moradores antigos do bairro. Procurou por Dina, a bordadeira de 74 anos. Depois de um chá, Maria conseguiu uma pista. Dina indagou: “Por que procura minha mãe? Ela faleceu há anos. E só agora que minha filha conseguiu organizar essa casa e passar adiante os pertences guardados”.

O livro era mesmo de Eliza. A carta foi junto com as lembranças.

Os olhos arregalados de Maria só precisavam de uma resposta para resolver o mistério. Será que Eliza tinha se casado com o tal “B” ou teve o final trágico de Romeu e Julieta? Quando indagada, Dina respondeu: “Papai Valdir se foi um pouco depois de mamãe, tamanha tristeza de viver sozinho”.

“A CHUVA QUE PARIU”

de Rogério Amaral de Vasconcellos

O tempo parecia não existir.

Àquele lugar tudo chegava como se passado através de um estreito e comprido funil. Esse “funil” tinha outro nome no reino dos vivos. Morte.

Parado na planície infindável, o chão ondulado recoberto por montículos de areia, antes mesmo de se dar conta do que fazia e de como fora parar ali, ele se abaixou.

Definitivamente não era areia ou conchas sob seus pés...

A mão se encheu de um pó cinzento, morno, escorrendo pelos vãos dos dedos. Um pedaço maior ficou retido na palma. Não foi preciso examiná-lo detidamente para reconhecer a parte de um molar com o ouro da obturação.

O chão fofo, no qual os pés nus se enfiavam até a canela, definitivamente estava revestido de ossos triturados. Dada a dimensão enorme, não parecia ter fim, cheirando a carniça. Torvelinhos, formando cones rodopiantes que variavam em altura e largura, espalhados de forma aparentemente aleatória, forneciam a pouca noção de movimento “natural” naquele lugar sepulcral.

Quando se aproximou do vórtice mais próximo, percebeu uma abertura, onde uma espécie de mandíbula helicoidal triturava tudo que o vórtice capturava. Sentindo-se atraído por uma crescente sucção, ele caiu sentado e usou as pernas para se distanciar, até a pressão em seu corpo sumir e o desejo de tê-lo como alimento despertar um jato de enxofre de puro descontentamento. Virou as costas, tombou novamente, rolando até a base de uma ondulação. Cuspindo o pó cinzento nauseabundo, ficou olhando o céu, atrás de uma explicação, que, obviamente, não veio.

Antes de dar vazão à loucura, creditando a alucinação como efeito tardio do porre homérico que tomou, antes de tropeçar e bater a cabeça na quina da mesa de mármore, ele sacudiu a cabeça. Mas continuou atraído para o alto, pois pareceu ter escutado um trovão. Também se enganou nisso. Não era trovão...

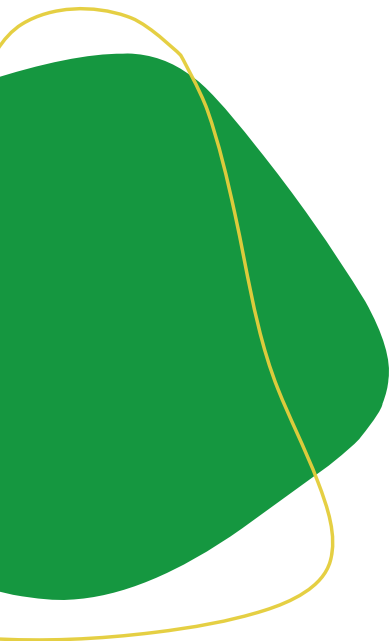
E o céu, definitivamente, não era céu. Parecia uma sucessão de línguas negras se contorcendo, inchando, prestes a explodir e vomitar seu conteúdo. O que não demorou para acontecer.

E a chuva de corpos começou...



“A DONA DO ALBERGUE”

de Coracy Teixeira Bessa



A porta que se abre interrompe o avanço do intruso. Enquadrada no retângulo da porta a figura da mulher se destaca. Uma mulher alta, esguia, feições esmaecidas pelo contraponto com a iluminação que a banhava pelas costas. Porém a voz era bem nítida ao indagar, imperativa: “Que deseja?” O homem retarda a resposta. A mulher insiste: “Que deseja?” “Alugar um quarto”, ele responde finalmente. “Entre!”, comanda a mulher. Frente a frente, detalhes acertados, Celestina encaminha o inquilino ao aposento que lhe foi destinado. Vitor pode então confirmar para si que a dona do albergue é uma bela mulher. Ela o deixa a se instalar e vai cuidar de seus afazeres.

Vítor repassa mentalmente o seu plano. Poderia colocá-lo em ação? Durante dias observara a movimentação dos hóspedes do albergue que, aliás, eram poucos e saíam todos, quase ao mesmo tempo para, provavelmente, trabalhar. Cuidara para se apresentar justo em horário que não encontraria nenhum deles. Segundo o seu plano, a tarefa deveria ser executada no mesmo dia, evitando assim chances de fracasso. Permitiu-se repassar a lista de coisas que faria com o pagamento a receber pela execução da empreitada. Não lhe importava quem era o contratante nem quem seria a vítima. Muito menos lhe preocupava qual seria a motivação para o crime. Há muito perdera tais escrúpulos e dores de consciência. Por acaso alguém se preocupara com os percalços que pontuaram a sua existência? Quem o acolhera quando precisava desesperadamente de um braço amigo para se apoiar? O pouco que conseguira na vida fora às custas de astúcia ou violência, nada fora de graça!

Celestina, despreocupada, ocupa sua poltrona preferida diante da televisão, beberica sua taça de vinho curtindo a happy hour que se permitia antes do retorno dos hóspedes e gargalha com as babaquices do programa cômico da TV. Não termina a gargalhada: o fio de nylon colhe a sua vida como se fosse o fio com cerol que usava ao empinar pipa com seus irmãos lá no subúrbio, em dias de ventania. Vítor sai como entrou. Silenciosamente.

“A FÁBULA DO ASNO E DO TEXUGO, OU A FUGA DA RAZÃO”

de Sammis Reachers



Corria o ano de 451 depois de Cristo. Nas bordas de uma pequena floresta às margens de Milão, um asno e um texugo esbarraram-se, ambos em fuga da cidade, incendiada por Átila em sua fúria bestial.

Libertos do cativo pelos irmãos caos e chama, corriam por suas vidas tênues carregados de sentimentos entre suas penugens chamuscadas. Um deles trazia por bagagem extra um pequeno e tilintante alforje que, de passagem, furtara a um corpo humano justicado pelos irmãos siameses.

Temeroso da repentina solidão e do silêncio da floresta, terror medieval, e vendo que seu companheiro de ocasião já imbicava por uma trilha da mata, o que portava o pequeno alforje feito da pele de um seu semelhante propôs ao outro:

– Venha comigo, companheiro! Vamos por este outro caminho, ele dará numa pequena cidadela.

O segundo animal hesitou por um momento, volvendo um olhar de terno espanto para aqueloutro trânsfuga.

– Posso lhe dar todo esse dinheiro – antecipou-se o primeiro, chacoalhando as moedas do bernal.

– Dinheiro? O que faz cativos os homens?

– Cativos?? É ele quem lhes compra a alforria! E lhes descerra a janela dos sonhos.

– Com ele poderei comprar sonhos?

– Comprar? Não; com ele você poderá realizar cada um deles.

– Mas realizar um sonho é como matá-lo.

– ???... Ora!!! Nunca ouvi tão grande insanidade! Que dizes, néscio?!!

– Digo que passaste tempo demais com humanos – arguiu a besta, antes de mergulhar no silêncio verdejante.



“A JABUTICABEIRA”

de Emily Antonetti

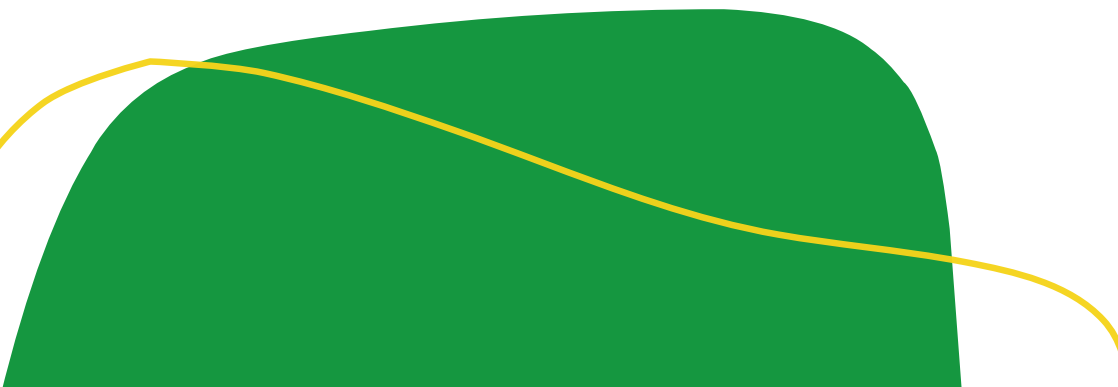
Saudade nasceu via semente no quintal paulista da família Torrecilha em meados da década de 1950. Enraizou-se com vigor no solo fértil do terreno, lavrado com carinho por seu maior admirador e guardião, o patriarca Luís. Desde pequenina, ela nunca esteve só. Cresceu jabuticabeira, sob o olhar atento e curioso de seus tutores, bem ao lado de Esperança e próxima do Futuro, parentes frutíferas nativas da Mata Atlântica.

Em tenra idade, Saudade nem notou o passar do tempo. Multiplicou-se de mansinho em galhos e tamanho, conforme o bailar das estações – ritmo também partilhado pelos moradores da casa. Curtiu a infância despreocupada, adubada e acolhida, sempre acalentada pela intensa luz do sol e pelas risadas contagiantes da família. Inclusive, observou com encanto a evolução de uma jovem flor, a caçula Margarida.

A adolescência chegou com certa instabilidade. Seu humor oscilava a cada troca de casca e a exibição de sua nova e temporária textura lisa marmorizada. Saudade queria ser adulta, encher-se de frutos, mas apenas folhas preenchiam seus galhos. Então, engrossou seu caule e se lançou para o alto e para baixo na tentativa de expandir seus horizontes. Sua copa logo cedeu sombra para os inesquecíveis almoços em família no quintal.

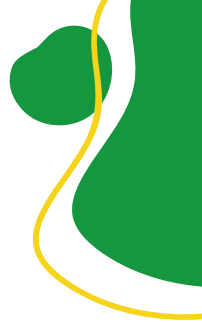
Dez anos depois, já conformada com seu destino, Saudade finalmente floresceu. A primavera a vestiu com incontáveis esferas, ora verdes e miúdas, ora roxas e docemente brilhantes. Sentiu-se adulta, madura e ainda mais amada. Abraçou sua irmã, Esperança, que entrelaçou de volta os seus galhos, eternizando uma parceria de apoio e aconchego em uma frondosa copa. Juntas, elas ganharam um novo lugar no coração de todos da casa.

Ao longo de setenta anos, Saudade nunca perdeu seu viço, mesmo após tantas despedidas na família Torrecilha. Por vezes, ela sonha em resgatar o gostinho da infância. Em outras, pulsa rebeldia adolescente. Às vezes, encontra-se nostálgica, entre safras e memórias tanto felizes quanto pouco açucaradas. Saudade e Esperança nunca mais se separaram, mas atualmente se preocupam com o Futuro, que segue incerto e meio tombado.



“A MULHER DO AÇOUGUEIRO”

de Kíssila Muzy



Maria, a mulher do açougueiro, aprendeu a esconder de si mesma as dúvidas que a atormentavam. E a reprimir a raiva, que sabia muito bem de onde vinha. Sua religião orientava a confiar o sofrimento a Deus, pois, na hora certa, o caminho seria mostrado.

O marido era musculoso, imponente e assustador. Ela, franzina e normalmente apática, não ousava criticá-lo, mesmo quando ele flertava com as freguesas na sua cara.

A única amiga questionava a submissão ao homem rude e infiel, mas Maria mudava de assunto.

— Você já sabe o que ele e a Tula fizeram na guarita? Todo mundo tá falando.

— Só sei que vai chover muito.

— Como é que você aguenta esse bronco? Eu já teria metido o pé.

— Não tá dando pra aguentar o preço do arroz.

— Ninguém me contou, Maria, eu vi quando ele falou alguma coisa tão indecente com a filha da dona Lídia que a moça ficou com a cara vermelha!

— Sabia que os ricos vão construir cidades em Marte e se mudar para lá?

Até o dia em que foi expulsa da torre de enganos que construiu em torno de si.

Maria chegou ao açougue no horário de costume. Ao entrar na sala de manuseio das peças, flagrou o marido vestindo apenas o avental branco que ela clareava a mão. Sobre a mesa de inox, estava a Tula, com as pernas abertas e os seios de fora. O homem esfregava uma linguiça crua nos peitos da amante e lhe dizia indecências.

Aquela não era a primeira vez, nem a segunda. A novidade, porém, foi o lugar escolhido para a safadeza. Ele nunca havia misturado as carnes daquele jeito.

Talvez o peculiar odor da câmara branca e fria; quem sabe os sons emitidos pelo movimento selvagem dos corpos, sacudindo os metais ao redor... Algo disparou pelas veias da esposa e repentinamente as aqueceu. Ela poderia ter feito como sempre: um passo atrás, cuidado ao fechar a porta, esquecer-se da cena e de si. Mas se antes lhe faltara treino para reagir de outro modo, agora sobravam facas. E havia um cutelo.

Depois de vinte anos de humilhações e violências, Maria foi tomada por uma inusitada certeza. Inspirou fundo para absorver o ambiente e atendeu ao chamado. Tanto tempo observando o homem em seu ofício, ela sabia exatamente onde sangraria mais.

“ALFORRIA”

de Elza Fernanda Rodrigues da Silva

Ecoa pela mata o estrídulo dos grilhões caindo ao chão. Bantu e Puri são os últimos a se verem soltos. Quaresmeiras majestosas e embaúbas prateadas de mãos dadas formam uma aquarela sombreada como quem estende um tapete aos irmãos. Ao longe o canto de um tiê-sangue se encarrega da trilha sonora. Trilharam pelo rumo apontado pela lenda: para a esplendorosa liberdade siga os passos do Rio Turvo. Encontrará a chave mestra para todos os cadeados.

A jornada completa um quindênio e os calos nos pés pouco faltam falar. Puri tem pra si que a bússola de direção do sol e o caminho das estrelas só podem estar enganados. Nas histórias que ouvira o tão falado destino exigia poucos passos. Àquela altura suas pernas já protestam trêmulas contra seguir com tamanha peregrinação. Com pressa da chegada se recusam a parar. A uma légua adiante, para surpresa de ambos, uma enorme montanha afiada como azagaia, finda o curso do rio que lhes servia como guia.

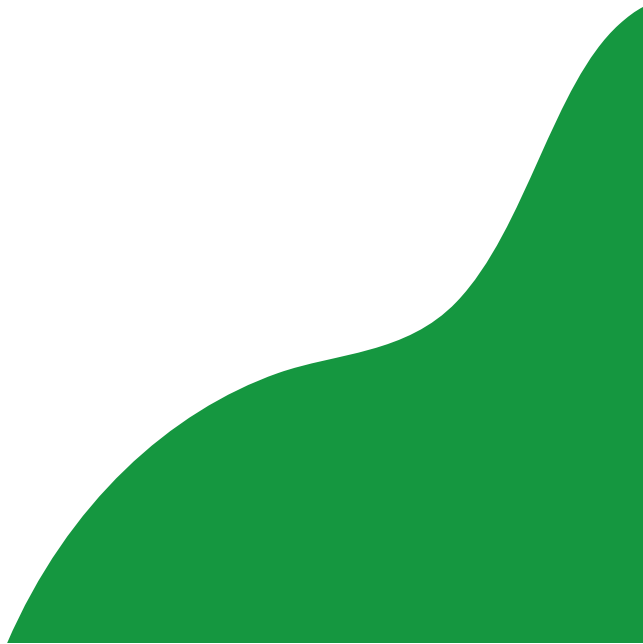
- Não há pra onde ir. A lenda era invenção! – Exclama Puri, estupefato.

Surpreso, Bantu arregala os olhos enquanto tem um lampejo:

- Espere! Puri, pense comigo: como foi que nos soltamos? Como foi que enfim conseguimos?

- Quando aprendemos como abrir os grilhão...

Como se pisassem no X do tesouro representado em um mapa, Puri e Bantu numa fusão sincrônica de saberes se entreolham e enfim chegam a seu destino: o saber! Essa é a genuína liberdade. Abre-se a mente e arrebentam-se os cadeados!



“ANJINHA”

de Julio Corrêa

A menina, antes de dormir, disse calmamente à mãe:

— Os anjos irão visitar-nos amanhã às 6h.

A mãe apanhou a filha de 4 anos no colo, abraçou-a fortemente e respondeu-lhe com beijinhos:

— Foi apenas um pensamento ruim, filhinha. Nada disso é verdade. A mamãe vai dormir hoje consigo.

No dia seguinte, o pai entrou no quarto e chamou pela mulher:

— Maria! Maria! – e nada.

A mãe não abriu os olhos. Os lábios frios ainda pareciam sorrir. O pai chorou.

No chão, sem dar por isso, a menininha brincava com algumas penas brancas que pareciam flutuar...

“ARAPONGA”

de Caio Csermak

Caíra de paraquedas no poço das ariranhas. Os olhos embaçavam e a cabeça balançava de um lado a outro. Mareado, ele sentia outras línguas lavando-lhe o pescoço, o peito, a barriga e cada vez mais embaixo - brinquedos, muitos, espalhados sobre a terra do quintal e todo o tempo do mundo de uma tarde pra brincar. Mais uma imagem que ia e vinha, luzes amarelas de emergência. Fechou os olhos e tornou a abri-los: os animais ávidos sobre a presa prostrada no solo terroso, suas bocas vermelhas. Descargas elétricas. Dentes em sua nuca nua. Dedos escorrendo-lhe por entre os vãos e a lisura da pele.

De fato era paraquedista do Regimento de Infantaria e caíra ali num pouso suave. Tinha a imprevisível missão de se infiltrar num antro de elementos subversivos que, num duelo mais velho que a própria guerra, ameaçavam a família e a moral com seus corpos- bomba: amavam-se e infiltravam-se uns aos outros e era tanto que sobrevinha o medo de o mundo rebentar a sua represa. Havia uma guerra a se travar nos porões dos inferninhos e nas coxias dos palcos italianos. Aprendera na escola militar, além da estratégia e da política por outros meios, que a guerra é um vento frio que nos pega sem prevenção ou capote: gela a espinha e eriça os pelos. Excita. A guerra mais perigosa é disforme – gasosa –, entra pelas frestas mal vigiadas – festa – e não fornece alvo claro para o tiro viril - fuzil.

Fora aceito. Ali tinham-no farejado de longe e sabiam-no araponga: queriam mesmo era sentir o gosto acre de suas penugens. Cabiam ainda em sua pele tantas tatuagens e cicatrizes que fora aceito sem a necessidade da conversão, como uma garrafa a ser virada de um só gole. Seu líquido gélido descia pela garganta, convulsionava sob o pomo-de-adão e ao final era preciso respirar como quem emerge da profundidade de um lago – como se goza.

Por destemido que era, escolhera ser paraquedista. Entrou na tropa disposto ao sacrifício. Nos anos de treinamento o próprio sacrifício se transformara: antes um distante ideal, tornou-se dia a dia um método que implicava habilidades cultivadas e planejamento meticuloso. Aprendeu que o sacrifício não poderia ser vão: era preciso dar-se a algo. Investigou a fundo e fora sorvido em grandes goles. O corpo é um livro de muitas páginas vazias a ser preenchido com garranchos e rasuras. Este livro rasurado é amor e o amor é uma pátria livre. Aprendeu que a sacanagem não precisava ser vã: era permitido dar-se a alguéns.





“CEGO”

de Lígia Diniz Donega

Estava há meia hora procurando o que comer. Farejava, farejava, farejava. Não podia ver, mas o olfato guiava-o. Tinha fome, muita fome. No terreno de mato alto e sujo, ele tinha sentido cheiro de carniça. Batendo a cabeça aqui e ali, podia sentir que estava perto de encontrar alimento. Uma camada de remela colava suas pálpebras, moscas rodeavam seu corpo magro e sem banho há muito tempo. Era um cão velho com um tutor que não o tratava conforme merecia. Este trabalhava no galpão da marcenaria, o cão bem ouvira a serra funcionando. Esperou que com sua chegada, ele lhe trouxesse comida. Que nada! Por isso, agora, tenta se virar sozinho. Tropeça num pau, bate a cabeça no muro, volta por onde já foi, fareja para a esquerda e lá no fundo do terreno, atinge o alvo e cavouca, cavouca, cavouca. É ali que está o que ele quer.

A serra para, o cão nem percebe, está na tarefa árdua com a terra. Está chegando perto de abocanhar o que há de ser uma refeição suculenta. Outra voz junta-se ao do marceneiro. Os dois conversam, falam sobre o armário encomendado, pensei melhor e quero a fórmica naquele cinza do catálogo. Achou! Na primeira mordida, finca seus caninos na carne e a puxa para fora da cova, levando-a para a cobertura onde costuma ficar, um puxadinho perto do barracão. É grande o que tem entre as mandíbulas, o alimento se enrosca entre suas pernas. Na sombra, deita-se e apoia o almoço entre as patas dianteiras. Agora sim está como ele quer.

Uma voz soa mais por ali. Ei, cara, você tem um terreno enorme aqui nos fundos. Merece um trato, hem! O homem vê o cão cego e estranha o que ele está comendo. Parece uma...Vai até ele. O animal arranca nacos da coxa e mastiga brutaente. Olhos incrédulos fitam-no. Tem vontade de vomitar, a ânsia sobe-lhe pela garganta. Aquela perna...Sobressalta-se com a voz do marceneiro colada às suas costas. E pensar que poucos dias atrás eu estava lambendo esses dedinhos. Nunca gostei dessa cor de esmalte. Falei diversas vezes, mas ela era vulgar. Após uma pausa, completa: fácil e burra.

O cliente percebe o que o outro tem nas mãos, mas não tem tempo de correr.


O cão lambe suas patas. Procura a vasilha de água que, pelo menos, está cheia. Acomoda-se num canto, boceja e dorme. Antes, empina as orelhas com os sons que ouve. Não os reconhece. Logo começa a roncar. A perna está bem ali de seu lado com, ainda, um bom tanto de carne que comerá mais tarde. Ainda faltam os dedinhos para roer.

“CIDADE VIBRANTE”

de Custódio Marcos

Achei curioso ele me dizer que estava adorando a cidade. A praia, as pessoas receptivas, as ruas estreitas, as calçadas com postes lusitanos. Pensei que estivéssemos falando de cidades distintas, mas tudo fez sentido quando ele me explicou onde morava, no coração vibrante de uma cidade fragmentada, cheio de prédios espelhados ornamentando uma avenida litorânea; recebendo, logo nas primeiras horas da manhã, os ventos do Atlântico. Já eu morava do outro lado da ponte, em uma fatia da cidade cheia de vícios, de cores mortas, longe da agitação, longe de festas promovidas pelas pessoas geniais. Pensei: a praia é suja; as tais pessoas receptivas são dissimuladas; as ruas estreitas só atrapalham os pedestres; as calçadas com postes lusitanos fedem a mijó. Do bairro no qual ele residia, ainda não dera tempo de perceber as faltas da civilização, as quais eu pontuei sem pudores durante a conversa. Observei seus olhos se arregalarem e sua fala recuar enquanto eu crescia, minha voz áspera e cortante tal qual uma lâmina, como se quisesse expulsá-lo dessa cidade fictícia construída pela sua imaginação.

O homem se despediu de mim, prometeu que faríamos algo no dia seguinte, mas, pela minha experiência em encontros, sabia de antemão que nunca mais retornaria a vê-lo. Ele preferia encerrar-se em seu palácio privativo, gigante pela própria natureza, enquanto eu preferia ver a minha cidade pelas lentes de um relogio, exausto de subir e descer as ruas, com multidões ao meu lado, vivendo do pouco e querendo o muito, trabalhando para depois morrer em uma cova anônima, rezando para que no além as coisas sejam um pouco melhores. Dias mais tarde, olhei a face lívida daquele homem uma derradeira vez, estampada em uma tela: a notícia de um médico recém-chegado à cidade, espancado às duas horas da manhã por cinco assaltantes. Ele estava em um carro com outro rapaz, igualmente violentado. Tão jovem, tão bonito, tão cheio de sonhos, tantas ganas de ser feliz. Senti-me um pouco culpado por seu assassinato. Não que eu tivesse parte na violência que abocanhava os quatro cantos da cidade, longe disso; mas lembrei-me da última frase que o disse, um tanto premonitória, antes que ele entrasse no carro e me abandonasse no nosso primeiro e último encontro: “Um dia a cidade chega a todos”.



“DALVA”

de Mailson Furtado

a manhã cedo abria-se – des-noitando-se. o dia outra-mesma parada. dalva acudia. com sua vassoura chegava antes. ali tudo dela. de uma ponta à outra do quarteirão – tudo dela. o que podia: varrer. trabalho não. nenhum favor. sem ter pra quê – fazia. a rua faceira esperava. e o dia se punha de pé.

sem compromissos quarava a rua ainda com o poste caducando luz. chegava dalva. à vassoura – valsava desfazendo passos de ontem. ninguém via. quando por fé a rua já pronta para o uso. ninguém via. lá juntas sem qualquer acusação: mongubas, sempre-verdes, bitucas de cigarros, tampas de guaraná a rascunharem pedaços de não-histórias sem qualquer novidade. e tudo de-novo. e dalva seguia. juntava histórias das calçadas que ninguém dava por onde. e feito – emburacava casa adentro. o dia começava sem ninguém reparar.

era ontem ainda. sem novidade dalva acordou. empunhou a vassoura e saiu a inaugurar o dia de sempre. refez os mesmos passos. desfez os outros passos. e o dia alumiu. casa adentro foi. não saiu mais. não mais. ainda naquela manhã dalva...

ninguém mais soube nada.

tudo esmoreceu. calada – a rua – desembainhou o que não sabia sentir. tudo emborcou-se: a bodega trancada. as calçadas sem fuxicos. as casas silentes aos próprios desejos. tudo des-soube-se.

uns a olhavam. outros em prantos rasos. exposta ao próprio velório – dalva seguia. ainda às cinco seguiu em cortejo. sem volta.

sem volta. já o poste aceso. em respeito – as casas se guardaram já depois do jantar. e tudo calou.

quede o amanhã? já hora. dalva não mais. a rua órfã tropeçou em não saber. já hora e quede tudo?

–

como sempre ninguém acordou antes da hora. de pé se punha a rua e lá fora chovia.

“DE DENTRO PARA FORA”

de Cesar Wolf

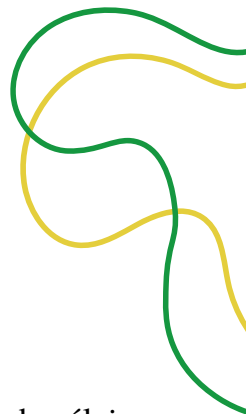
Primeiro rói os ossos, brancos e duros, até fartar-se de cálcio e rigidez. Ruído estranho e incômodo de presas raspando a superfície áspera. Depois é a vez da carne, já previamente amaciada pelas pancadas da vida. Lambe os beiços na delícia da fome.

Puxa para dentro de si a matéria alheia, com voraz descaso e prazer. Grandes bocados que derretem na boca.

Depois de esvaziado, resta a pele. Aspecto de saco vazio se arrastando em um remexer quase engraçado, não fosse trágico, pelo assoalho da casa. Come derme e epiderme, come tudo. Nem cabelos deixa. Come olhos, língua, ouvidos. Dentes roendo dentes. Depois come sentidos, tato, paladar, come do ver e do ouvir. Nada sobra.

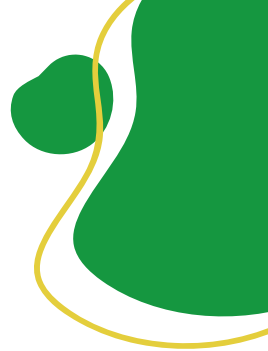
Na sequência, pensamentos e memórias são sugados para dentro, como longos fios de macarrão comidos por quem tem poucos modos à mesa. Sonhos, expectativas, a tudo devora. Deixa intacto apenas o medo, esse pesa no estômago, melhor evitar.

Depois de satisfeito, senta. Está gordo, barriga cheia de precisar afrouxar o cinto, se usasse um. Sentado, espera passar a noite, enquanto o corpo se regenera. Pela manhã tudo recomeça. Assim ele faz todos os dias, o meu mau cão de dentro.



“DE FRENTE PRO CRIME”

de Gabriel Pereira Vieira



A primeira pessoa a achar o corpo foi Dona Lurdes, que chamou a vizinha Madalena para ver, que, por fim, falou com o marido Geraldo Magela. Magela ligou para a polícia. Descreveu o que viu: um corpo negro e esfarrapado jogado no barranco detrás da sua casa. Não imaginava quem era, não sabia como foi parar ali. Disseram que iriam até lá averiguar a situação. Não foram.


Depois de dias sem manifestação do poder público sobre o que fazer com o corpo, resolveram chamar a televisão. Mas a televisão também não se importou.

Ninguém se dispunha a ter o trabalho de enterrar o corpo, fosse por preguiça ou revolta com o descaso das autoridades, ou por medo das consequências sobrenaturais de uma possível violação do jazigo a céu aberto. Na verdade, nem sabiam se legalmente podiam mover o corpo de lugar e enterrá-lo. E colocaram uma lona empoeirada rasgada em cima do corpo inanimado.

O lugar, que antes era ocupado intermitentemente por viciados ou para descarte de entulho, agora era um ambiente transitável e seguro, com a vigília ininterrupta e inexorável de seu João. Aliás, vale dizer que quem o batizara, após a morte, de João, fora Dona Lurdes - a mesma do início da história.

Com o tempo, os moradores se acostumaram a ele. Os meninos brincavam ao seu lado e alguns até arriscavam o desafio de tocá-lo. Os homens um dia o pegaram como calço de uma máquina. As mulheres iam lá para elucubrar sobre as desventuras de sua vida ou para desabafar com o terapeuta silencioso.

Tendo virado parte da paisagem, uma vez agentes públicos compareceram ali e ameaçaram remover o cadáver. Os moradores cercaram-nos e não deixaram. O agente da vigilância sanitária disse ser uma grave ameaça às crianças que ali brincavam. Nem feder ele fede, responderam. Sem saber como explicar o fenômeno, passou a palavra ao agente policial que, com o descaso típico da classe, rapidamente se rendeu aos falaciosos argumentos da vizinhança. O senhor da prefeitura, de quem ninguém sabia ao certo a função, vendo os companheiros em debandada, foi junto. E ali ficou João, dividindo com o Cristo Redentor, a santidade da paisagem.



“ENSAIO”

de Zeca Nolf

Antoine... Antoine ficaria bem. No começo seria um pouco difícil, mas logo tudo se ajustaria. É bastante inteligente e saberá usar a sua liberdade. Deixaria tudo limpo e arrumado. A comida na geladeira, o jantar já pronto no fogão. Ele não teria problemas. Em outros tempos o marido estaria ali com ela e lhe falaria das notícias do jornal, do livro que estava lendo. Maurice gostaria de vê-lo agora, tão crescido. Um homem feito. Incrível como o filho se parecia com ele. Lendo, sempre lendo. Café. Um café vai bem agora. De hoje cedo, mas ainda deve estar bom. Dois torrões. E duas gotas. Duas gotas bastariam? E o leite. O leite pra tirar o gosto forte do amargo. Café é perfeito, mas é preciso não deixar sinais. Faria outro café para Antoine. A campainha tocando. Quem haveria de ser? Não atenderia. Agora não. Quase noite. Antoine chegará em pouco tempo. Deixaria tudo limpo e organizado para ele. A sopa, quase pronta. Só um pouco mais de fervura para dar consistência. Deixaria também um dinheiro sobre a mesa de jantar, em caso de alguma necessidade urgente. Já tudo certo, organizado. Ia me esquecendo, falta tirar o pó da cristaleira. Depois, só me deitar ou sentar-me na poltrona e esperar por Antoine. Em silêncio. A calma necessária. Antoine chegará em minutos. A mochila na poltrona, o café na cozinha, o livro, o sofá. Sempre o livro. Só então notará minha falta. Percorrerá a casa, o quarto. A mãe na cama, em silêncio profundo. Nadine! A vizinha, em sobressalto.

Mon Dieu! Não, hoje não. Hoje Antoine irá se atrasar, ficará até mais tarde no trabalho. Cansado, não perceberá o café na garrafa, nem a sopa no fogão. A mãe, já estará dormindo. Exausto, se jogará na cama. Limparia a cristaleira. O sono se aproximando. O café já na sua hora. Precisaria me apressar. Antoine gostará de saber que deixei tudo limpo e arrumado. Como sempre. É bom que seja assim. Ele deverá chegar em minutos. Agora, sim, poderia me deitar sossegada. Um café vai bem agora. É de hoje cedo. Nem mesmo com leite. Amargo. Faço um novo para Antoine. Ele prefere com leite. Dois torrões. Duas gotas pra ele também? Talvez. Ele não suportaria a minha ausência. Deixaria um bilhete. Sim, um bilhete. Haveria necessidade de explicações? Antoine entenderia? Aceitaria minha decisão? Me perdoaria? Desculpe, meu filho, tudo estava sendo demais pra mim. Agora é tarde. Mas o tempo, o tempo resolverá tudo. Deitaria, então, na cama à espera do filho. A campainha tocaria novamente, insistente. Antoine chegaria em minutos.



“ENTRE PREGOS E MARTELOS”

de Thais Evangelista



Já fazia dez anos que Severino laborava naquela mesma fábrica, mas só hoje reparara numa inscrição talhada na porta de entrada do banheiro que ficava ao lado de sua estação de trabalho. Lá estava escrito: “Quando você for martelo, lembre-se de que já foi prego”. Aquela inscrição devia ter estado lá desde sempre. Não era bem nítida, parecia ter sido escrita à força com algum prego, mas só hoje se apercebera dela, ao parar por um instante para beber um copo de água.

De repente, viu-se transportado para outro mundo, outro patamar, pensando no significado daquela frase. Achou engraçado imaginar-se como martelo: forte, poderoso, resistente, fazendo barulho, colocando cada prego no seu devido lugar. Um sorriso sonhador desabrochava-lhe no rosto, quando, num lampejo de lucidez, tomou consciência de que não passava de prego, e que, talvez, nunca chegasse a ser martelo. Suas feições mudaram, seu semblante fechou, sentiu-se insignificante, ficou com dor de cabeça, pensou nas marteladas que levava diariamente. Mas então ouviu o som característico dos passos firmes do patrão, o senhor Custódio, se aproximando. Num susto, trouxe a água contida no copo e voltou para sua estação de trabalho. Afinal, ele não podia perder tempo com filosofias.

Senhor Custódio fez sua ronda na fábrica como de costume, mas parou perto da estação de trabalho de Severino. Coincidentemente, o patrão também notara o mesmo enunciado grafado na porta. Ficara surpreso com a ousadia dos empregados de escreverem coisas na porta de seu estabelecimento, e aproximou-se para ler o que estava escrito. E, tal qual Severino, foi levado ao mundo dos pensamentos. Não gostou de imaginar-se como prego: fino, estático, submisso, cabeça chata de tanto levar marteladas. Passaram-se ideias subversivas em sua mente, rugas de indignação formaram-se em sua testa. De súbito, lembrou-se de que ele, na verdade, estava na posição de martelo. Suspirou aliviado, sua fisionomia suavizou, não precisava preocupar-se com aquelas questões. Amanhã mandaria trocar a porta do banheiro. Saiu cantarolando e foi almoçar.



“LUSCO FUSCO”

de **Guilherme da Cruz e Zica**

O canto da saracura-três-potes define a melhor hora de pescar que é quando a noite de cima para baixo engole o resto do dia até a última camada de luz. Não é dia nem noite e não há vento. O mundo parece que para. Lusco fusco. Nessa hora às vezes me estremeço um pouco e acho que vou acabar abandonado para sempre no mesmo ponto vagando sem dia e sem noite. Nesse momento quem estiver com anzol na água costuma pegar algum peixe porque só os peixes não param. Isso porque talvez essa transição aconteça apenas do lado de fora e não penetre a água. No fundo do poço parece início de festa uma agitação de peixes que vibra até a superfície.

Quando ouço o canto da saracura que parece uma fresta de porta que aos poucos se fecha para melhor aproveitá-lo já estou acomodado numa ramagem crescida em cima de um resto de cupinzeiro com o cigarro aceso e a vara de bambu iscada. Nas noites escuras sem luar coloco para queimar uma bosta seca de vaca para espantar as muriçocas. Mas só nessas noites pois a verdade é que nem me incomodam mais. Depois de um dia inteiro juntando esterco no curral arrastando silo e limpando ordenhas o corpo endurece feito pedra e não tem picada de mosquito que moleste. Delas só o barulho atrapalha.

O outro companheiro de lida prefere ir às fazendas vizinhas jogar carteadado e ouvir música. Eu gosto do silêncio daqui de ficar esperando o peixe mesmo que ele não venha. Sentado nessa moita que já pegou meu formato olho para o céu infinito e me sinto menor do que um menino. A escuridão já enorme a cada noite maior e eu diminuindo. Com isso sinto uma dor forte mas diferente. Acho até que gosto. E nos dias em que estou mais cansado quando venho para cá por vir de automático e não sofro ao olhar o céu penso no serviço e no companheiro que sempre parece meio alegre meio sem saber.

Ao contrário de mim que tenho escapado do lusco fusco o poço foi tragado pela imensidão das noites. Deve ter acontecido em uma madrugada sem estrelas quando o poço ficou aqui sozinho só esperando algo acontecer. Pois nessa noite o poço se encontrou com a noite. E desde então ficou profundo e muito escuro. Breu quando fisgo um peixe é ainda mais forte o efeito porque o peixe escuro que saiu do poço parece imerso no mesmo escuro vazio.



“NÃO SE ME NEGUE”

de Natascha Duarte

Dirigir-se para a sacada do prédio e gritar a plenos pulmões Eu existo! era coisa que crianças do jardim de infância fariam. Ainda assim ela o fez, e alfinetes muito finos penetraram seu corpo em questão de segundos, perpassando vísceras veias caminhos até o sangue. Muitos dos moradores dos apartamentos vizinhos reclamavam dela. Conheciam de longa data o jeito da mulher que reluzia como uma ametista descolorida. O que não imaginavam eram aqueles confetes dentro dela, distorcidos, esquecidos e opacos. Com o grito uma porção super humana, relativamente nova, se manifestou, e palmeiras na calçada logo embaixo do andar dela, muito verdes e vivas, esgotaram-se em suposições. O que houve? Mais precisamente às 8:30, hora do café da manhã, quando ela estava sozinha no sofá e vestida com uma camisola branca de algodão, revelou-se nela o desejo de ir embora. Faltava ar pra tomar, palavra pra pronunciar, sen-ti-do. Na ausência de algo importante ela deu as costas pra aliança que fizera com o mundo. O mar foi testemunha. Porque o mar não tolera vazios. Por outro lado, com ela aberta, a manhã sorria vistosa. Você. Não se (me) negue. Frases inteiras pipocaram em seus pensamentos, frases prontas, feitas por outros, feitas em sonho, consumindo sua mente, sublinhando seus sentimentos. Você. Indo. Vindo. Ainda imaginando a mesma coisa, ainda tentando ser feliz, gritou outra vez, agora como se fosse uma guitarra de rock, com raiva e com coragem. Disse coisas. Desdisse. Resolveu que gritaria reiteradamente toda manhã. E ficou.

“O CASO DOS DOIS AMIGOS”

de Carlos Almeida

Andavam pela rua, começando a rotina de mais uma manhã. Na sina recorrente de sobreviver a cada dia eram parceiros inseparáveis. Em tudo combinavam. Andavam juntos por uma amizade de instinto, unidos por algum insondável fio de sentimento.

E no percurso rotineiro, corriam pela beira do asfalto, um a perseguir o outro, ora fingindo um ataque, ora simulando uma briga, tudo de brincadeira, na mais visível amizade, livres de horários e compromissos.

Começavam a busca diária pela sobrevivência: na padaria da esquina, com o olhar de pedintes famintos, raramente ganhavam restos de pão de quem tomava café a caminho do trabalho; nas casas da vizinhança, com frequência recebiam pontapés e safanões por revirarem as latas de lixo.

E numa destas arremetidas, pulando para escapar de uma vassoura inimiga, um deles, em reação instintiva, fugiu para o meio da rua, onde um caminhão implacável o pegou em cheio. Uma pancada forte, certa, fatal. E o corpo lançado longe, ficou estirado na pista.

O amigo, tomado pelo impacto, de um salto fugiu, em uma corrida curta. Depois, devagar, foi se reaproximando em direção ao companheiro imóvel no asfalto. Com passos lentos, se achegou, cheirou, sentiu. E seu olhar se mudou instantaneamente. Indecifavelmente.

Desorientado, com o olhar perdido de quem não sabe o que procura, fitou a paisagem ao redor, as pessoas se desviando. Confuso, ainda quis brincar. Com o focinho provocou o corpo imóvel no asfalto. Não houve reação. Sentiu a energia ausente. Dos olhos raiaram o brilho de uma inefável tristeza, inédita, cortante.

E se afastou sem rumo, com passos hesitantes, sentindo uma falta incompreensível e profunda.

“O CÉU DOS CAVALOS”

de Jorge Carlos Amaral de Oliveira

No Céu dos Cavalos tem um mistério que perdura por mais de vinte séculos. Apesar de se tratar de pouco tempo, um quasenada na eternidade do Paraíso, os que lá habitam acham que já está mais do que na altura de por cobro à situação que suscita tanto diz-que-diz-que quebrando a paz e o sossego. Para além da curiosidade que era quase unânime, também havia quem sentisse medo, fobia mesmo, que geralmente acontece perante o desconhecido. Urgia que se colocasse tudo em pratos limpos. É certo que ninguém pode se arvorar em especialista de assuntos do Além, mas convenhamos que em um espaço reservado a éguas, garanhões, potrancas, potros, capões... a presença de um asno, não será de fato muito estranho?! E o pior! comendo do bom e do melhor, sem dar a mínima. Instalado no quadrante mais aprazível daquela bucólica paisagem pastoral, onde, solitariamente pasta touceiras dos melhores trevos. Cenouras da melhor qualidade... tanta coisa boa naquela imensidão do mais viçoso verde. Só para ele. Ele, com seu olhar tão meigo de certa tristeza na qual se agrega alguma nostalgia, talvez até não se sentisse bem com a sua solidão e achasse melhor estar junto com os demais, entretanto... Os cavalos, pelo tanto que ajudaram na evolução da sociedade humana, muitos deles, sentiam-se indignados. Tudo bem que esse espaço na Eternidade fora criado pelos humanos,

mas daí a dividi-lo com um jumento era demasiado duro de engolir. Incitatus que até fora Cônsul e Senador; égua Reckless, guerreira condecorada; Bucéfalo, que conhecia os mais ínfimos e íntimos segredos do Grande Alexandre; Babioca, fiel a El Cid mesmo depois da morte do Campeador; Magnólia, a égua que se tornou confidente de Roosevelt e conhecia até segredos de Estado; Palomo, das guerras libertárias de Bolívar; Merengo, Vizir e Branco, que dividiram o mesmo montador, o conquistador Bonaparte; Mossoró, Fru-fru, ídolos das pistas e Filho-da-puta, o puro sangue inglês mais conhecido devido às estampas que ornaram paredes do mundo todo, principalmente nos países de língua portuguesa. Todos se juntaram, inclusive, outros cavalos que não se aborreciam com o fato, mas colaboraram para que se descobrisse quem seria o indesejado da maioria. Assim, Rocinante, Míster Ed, Silver e o cabo de vassoura Napoleão, com a inerente artimanha, tanto fuçaram que descobriram: Era o jumento que transportara Maria e o Menino Jesus na fuga para o Egito.




“O HEROIZINHO ENJAULADO”

de Celso Lopes

Um quarto e sala, e o sofazinho de canto, a armadilha onde as Zinhazinhas se estiram com sainhas curtas. Andrázio ajeita o encaracolado dos cachos e insiste: o Pai que o esqueça – resmungo - o Velho, proibir a viola, pensava o quê?... Então, não podia ser músico como tantos? - uns vadios, os violeiros - dizia. A viola dependurada e as mãos, ainda hoje, sofrendo a dor da gaze. Dez anos enfaixadas pra não tomar o gosto do instrumento. A Mãe tinha que cumprir, senão... O heroizinho respinga o Paco Rabanne nas madeixas. Agora, agora os dedos em cruz pra chamar boa-sorte com as Zinhazinhas das Grandes Galerias - Ai, quem dera resistisse os ataques das sainhas curtas – insiste, malandrinho. Agora, agora sentir a essência do perfume se exalando lisérgico, bem na hora agá, a hora exata!... O herói avalia os contornos de Luciene, que se derrete amorosa: - Você que não me abuse... não venho mais, quer?... O herói puxa o escudo invisível e vaticina: o mundo virando e revirando acridoce. Uns ares de menina, felina, moça, mulher, que topete!... Viu coisa assim antes, Doutor?. Luciene adiantada: “- Sabe, Andrázio, um coroa me paquerando, ainda agorinha!...”

Não se enxerga, o Velhote!...”. Luciene liberta o tempo e o espaço. Andrázio atordoa-se: - Ai quem me dera... um Deus que me acuda – sorri convencido. Hoje, hoje livrar a blusinha dos botõezinhos de madrepérola: doze, onze, dez, nove, oito, sete, seis, cinco... ensaia, o diletante. Luciene, à vontade, tagarelado aos quatro ventos: “- Sabe, Andrázio, eu, quase nua, a bem dizer, nuazinha, aqui no sofazinho..”. O galãzinho engole as palavras e transforma-se em lobo manso, um cordeiro-de-Deus somando dígitos da idade: uma dorzinha no peito beirando febre de 39, nenhum verso, nenhuma frase maior, só os antibióticos!... Luciene atira no centro do alvo: “- O velhote, quantos anos tinha?... 28, 30, penso!... Por quê?”. O heroizinho enjaulado junto às esquinas entre o espanto e a cópia xérox. Um galãzinho que desaba, mudo, em frangalhos, sofrendo o dia-martelo que bate, bate e não atinge a poesia!... O heroizinho sente a força dos punhos de Luciene... Ela, de pé, as mãos levantadas à espera do troféu, o cinturão do Amor. Ele, franzininho que dói. Mil ao contrário – um mil de tabaréu. - Taradinho, o que sou - tenta se convencer, o pobrezinho abatido. Leoa no cio, Luciene, tirando do odre mil verbos à espreita, milhares, à espera de uma paixão fulminante e sem pressa: “- Ora, Andrázio... você não é tão velho assim!... me beija!... beija!...”.



“O HOMEM SEM SOMBRA”

de Sérgio Anauate

Arrancou o espelho da parede e guardou no fundo do armário. Estava cansado daquela figura patética que o olhava zombeteira todos os dias, sempre igual, cada vez pior.

Cansara daquela barriga pontuda e caída, dos ralos cabelos desajeitados que parcamente lhe cobriam o crânio, das orelhas cada vez mais abanadas, da barba esbranquiçada sempre por fazer, do par de gambitos que eram suas pernas finas, dos braços curtos terminados em mãos espalmadas e dedos nodosos.

Assim pensava se livrar de si mesmo. Viveria mais tranquilo, ou menos agoniado, sem se encontrar com aquela imagem esdrúxula.

Quando andava pelas ruas e percebia qualquer superfície espelhada, até mesmo os vidros das vitrines em determinada posição do sol, virava o rosto para o meio da rua, para os carros e ônibus que passavam, ou para o chão. Começou a descobrir detalhes que desconhecia. Lia o que estava escrito nas tampas de bueiros, onde nem desconfiava haver letras, reconhecia marcas e logotipos de embalagens deseducadamente abandonadas, bitucas de cigarro.

Depois de alguns desastrados cortes sanguinolentos, se acostumou com fazer a barba no chuveiro, às cegas. Os cabelos não tinham rumo mesmo, que ficassem como as mãos os deixassem. Assim, concluiu pela inutilidade dos espelhos.

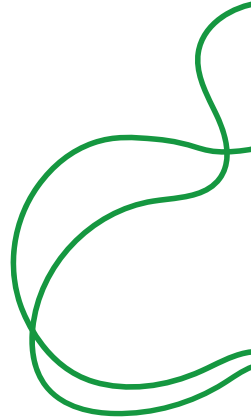
Num domingo, na hora das sombras longas, estava no parque quando se virou de frente para a sua sombra na grama, comprida, espichada. Reparou que esta não lhe desagradava tanto e foi acompanhando o seu desenho, os contornos, começando dos pés para cima. Surpreso, estancou no pescoço. Ali a sombra terminava, decapitada. Estranhou, mas não fez caso, já havia deixado a imagem de si para trás, a sombra era o de menos.

Como durante a semana sempre estava na fábrica naquele horário, criou o hábito de ir ao parque aos domingos, à mesma hora, para visitar a própria sombra. E não é que gostou de descobrir que, a cada visita, a danada encolhia um pouco, primeiro, o pescoço sumiu, depois os ombros, o tórax e assim por diante. No dia em que se encontrou sem nenhum resto de sombra na grama, voltou para casa e resolveu tirar o espelho do armário.

De olhos fechados, encostou-o na parede. O coração acelerado, uma fina camada de suor gelado cobriu-lhe a testa, o buço e o pescoço. Ficou bem de frente e, lentamente, abriu os olhos. Não conseguiu conter um largo sorriso ao contemplar o espelho vazio.

“O MATADOR”

de Carlos Carvalho Cavalheiro



Os mais antigos moradores ainda se lembram dessa história. Se acaso a escola, com a sua cultura letrada, tivesse alcançado o lugarejo naqueles fins do século XIX, hoje essa poderia ser uma página amarelada solta de algum alfarrábio, solta ao vento e perdida em algum lugar ermo.

É uma dessas histórias que os avós contavam sobre os bandoleiros e valentões que vendiam a sua coragem – e ausência de piedade – como braços armados dos antigos coronéis, fazendeiros de posses que controlavam a política das cidadelas do interior do país. O bandoleiro em questão era chamado de João da Cruz.

Ninguém sabe ao certo se a “Cruz” era seu nome ou alcunha. Alguns diziam que era nome de batismo e documento. Outros, no entanto, afirmavam que era apelido porque o bandido plantou mais cruces nos cemitérios da redondeza do que a febre maleita que arrasou cidades uma década antes.

O rosário de crimes de João da Cruz, ditos pela boca do povo, causava sensação nos mais experientes valentões. Uma vez, por exemplo, o Joca, aquele metido a brigador, pôs as tripas para fora, depois de ouvir os detalhes de um dos crimes do matador João da Cruz.

Um dia, porém, o João da Cruz desapareceu. Nunca mais se ouviu falar dele, não mais fora visto por aquelas paragens. Um ou outro viajante jurava que ele se mudara para outro estado, mas isso nunca foi comprovado. O povo, entretanto, não aceita história sem final. Então, começou a circular uma versão para o sumiço do bandoleiro. E essa história cresceu, ganhando corpo e ares de verdadeira.

Dizem que João estava dormindo em sua casa quando ouviu um barulho vindo de fora. “Alguém quer fazer fama em cima de meu nome”, pensou. Então, o matador esperou com a arma em punho. Quando a porta se abriu, o clarão da lua emoldurou um vulto e, sem pestanejar, João apertou o gatilho. Um grito seco ecoou pela casa:

– João!

Sem aviso, seu irmão retornou de viagem um dia antes do combinado. O remorso corroe a alma do matador. Hoje ele vive isolado do mundo, morando numa choupana triste e carcomida, perdida no meio do nada. Tal qual a sua alma.

“ORATÓRIO”

de Daniela Falcão

Ofélia me dê cá um abraço. Você sabe que seu braço é âncora, fico à deriva se não te sinto no ombro. O direito, nunca o esquerdo. Tenho aflição no ombro esquerdo desde aquele tombo. Aquele que já te contei, de quando caí da bicicleta. Quando o pai tirou os apoios. Apostou no meu sucesso... mas foi apenas um dos fracassos da minha coleção. Não, não tô chorando. Dê-me o abraço que hoje o sol me inundou. Tive que rastejar pra dentro e me perdi. Tenho um mar aqui dentro, de azia e sal. Sal da lágrima, tão redondinha, faz um caminho na bochecha. A esquerda, nunca a direita. Só aceito fotos que me mostrem pela esquerda. Mas isso você sabe, tá sempre metida nos meus teatrinhos.

Meus joelhos eram tão bonitos... mas o tombo arrancou tampos deles. Fez casquinhas. Mamãe disse para não arrancar. Arranquei. Mamãe disse “bem-feito, vai ficar uma cicatriz”. Chorei um pouco porque ardeu. Não me importei em ficar a cicatriz. Gosto do som da palavra. Cicatriz. Faça a cicatriz em você.

E se fizéssemos um altar? Celebraríamos nele um ritual barroco. Como a missa que Mamãe me obriga a frequentar toda semana. Isso você não sabe. Mas não perde nada: é um bando de gente cantando palavras que não me fazem cócegas. Impossíveis de saborear. Vamos fazer o nosso altar! Diante dele, recitaremos “cicatriz – pecadilho – azeviche”. Somente som e fúria.

– Gerusa! Tô te chamando há horas! Entra, vem jantar! O que que é isso que cê tá fazendo aí? Meu Deus, que isso?

A cozinheira dá as costas e volta sobre os próprios passos, resmungando. Encontra o motorista na cozinha:

– Tonho, não sei mais o que fazer com essa menina. Ela é esquisita demais! Sempre foi assim! Sempre carregando aquela boneca horrorosa que ganhou do pai dela. A dona Maria Eduarda pediu pra deitar fora umas três vezes, mas toda vez que joga fora, ela pega de volta! Menina moça, já, pensei que se aprumaria... mas não! E agora, que achei que não faltava mais nada, ela fez um treco medonho no fundo da garagem. Vai lá ver, aquilo, e me diz se não é caso de hospício? Se a mãe vê vai ter um ataque! Menina perdida! Perdida!

Gerusa nem se incomodou com o faniquito da mulher, seguiu recitando, tranquila, “cicatriz – pecadilho – azeviche” diante do arremedo de Ofélia, sua boneca preferida, cada vez mais parecida consigo mesma.

“PRESENÇA DA AUSÊNCIA”

de Luan Michetti

Um pardal ou outro ainda pousando no quadriculado de jogoda-velha que são as grades do portão. A sombra que se fazia de Sol no piso da garagem ao longo da tarde se faz agora com a luz do poste. Imóvel. Depois da noite, mais nada. Um plácido tapete de Boas Vindas. E o menino que não chega.

Cheiros de jantas, carros passando, os ônibus demorando nos pontos. Barulho de borrachas na calçada, lavando. O bar aberto. A igreja abrindo. Nas gretas das telhas as pombas arrulham como se fossem invisíveis. E o menino que não chega.

As vizinhas em som amaciado chegavam nela mas passavam por ela como ondas. Sentada no alpendre. Coisa de tia de amiga de prima que fez sei lá o quê, e quando. Ela sequer ouve. O menino não chega.


Fosse buscar e não fosse nada, mais um dia, dois seguidos, o que isso ensinava? Os bichos de chão ainda vasculham em busca de alguma coisa pra comer e não acham. Um rastro-de-cobra de formigas em fila vai de lugar nenhum pra nenhum lugar entre os azulejos. E o menino não chega.

Mas e se o menino não chegasse? Ela que nem banho tomou ainda. Veio do trabalho, sentiu a falta, desesperou, agora espera. Fosse atrás e vissem que foi, se ele visse que ela sempre ia, não é sobre uma vida melhor? Não é sobre escolher o que deixar? A essa altura ela já não sabia. O menino, a cada minuto que passa, parece que não chega mais.

Quando ela já na esquina, telefone na mão, documentos no bolso, dos dois, aguando com choro guardado o árido da própria garganta, perdendo em adianto mais uma noite de sono: avista; brincando.

Acena e ele vem. Ama e ele abraça. E o alívio é tanto — apesar da raiva — que deixa. Mas já em casa, nem quarteirão de distância, pensa melhor. Volta ao alpendre. Enquanto o filho não estivesse em casa, ela não tinha paz.

Imaginando que um dia ele saísse pra não mais voltar — só de imaginar — ela já não tinha. Mesmo que a ausência não significasse morte, só a sua possibilidade. Mesmo que a presença não significasse vida, dentro das grades.



“SANGUE DO SEU SANGUE”

de Cássio Andrade Fonseca

Ela não gritou quando o chicote estalou no seu braço. O avô é quem gritava enquanto desferia o segundo golpe. - “Não te mando na cara pra não espantar a freguesia. Só sessenta reais eu não aceito, volta pra estrada. Agora!”

Mirele, quatorze anos, pai desconhecido, mãe alcoólatra, largada desde pequena aos cuidados do avô que a prostituiu a partir dos treze. Ele mesmo fez as honras assim que lhe desceu a primeira menstruação.

Morando próximo à rodovia, exibia-se todos os dias às suas margens, a partir do fim da tarde, e por sua beleza e juventude nunca lhe faltaram clientes, principalmente caminhoneiros. Vinte reais por cada vinte minutos. Os melhores clientes lhe davam sempre um pouco mais.

Um ano depois a beleza e o frescor se esvaíam. Aprendeu a beber e se drogar com outras garotas mais velhas de ofício. - “Para aguentar esta vida, só assim....” - Esquálida, quase sempre doente, os clientes rareavam. O avô, que até já havia adquirido novos bens com o dinheiro da neta, estava sempre a lhe exigir cada vez mais.

- “Volta pra estrada!” - Repetiu o avô. E lá se foi ela com seu vestidinho curto, amarelo ouro para mais facilmente ser vista, chinelas de dedo, olhos perdidos, corpo dolorido, coração indiferente.

- “Ela se atirou na frente do caminhão.” Foi o que disse o motorista aos socorristas. – “Eu até a vi na beirada da estrada, o farol refletiu na roupa amarela, mas ela pulou tão rápido que eu não consegui parar.”

Os curiosos aglomeravam-se. Um socorrista apenas a cobriu com uma lona, após tentar reanimá-la. – “Morreu, pode levar.” O trânsito logo foi voltando ao normal, as pessoas se dispersando. À beira da estrada ficou só um homem. Um velho contrariado, que, meneando a cabeça e cuspidando impropérios, ainda apalpava sessenta reais no fundo do bolso.

“UMA PORÇÃO DE CORPOS”

de Denise Freitas

Eram corpos partidos ao meio, peças horizontalmente suspensas por ganchos que pendiam de uma estrutura circular presa ao teto da sala frigorífica. Ovinos, suínos, humanos, bovinos, corpulências de toda sorte, desde que vultuosas.

O mestre açougueiro ensinava ao discípulo o lugar ideal, o ponto certo onde se aplicaria o carimbo do órgão certificador de qualidade do produto. O cerne da atividade estava em focar no aproveitamento, as metades fracionadas em quartos de troncos deveriam garantir que uma só marca atendesse aos dois nacos, restos do talho afiado e breve desferido de modo a facilitar o transporte da carne dali em diante.

Depois de localizado o alvo, de apurado o quadrante ideal, procedia-se à limpeza rigorosa e então a matéria recebia um círculo com inscrições azul granito atestando a boa procedência e as práticas de manipulação adequadas.

No entanto, cada metade mantinha ainda algum vestígio de sensibilidade, ou, mais propriamente dito, de sensação. Ao perceber o toque do responsável por examinar-lhe o local mais preciso ao carimbo, contorcia o torso partido de maneira a voltar-se com a parte intacta da face em direção ao carimbador.

Seus movimentos, aparentemente, demandavam esforços incompreensíveis, resultando numa espécie de aproximação triste, ainda que indolor, levada a efeito por meio da articulação lenta, exaurida de viço e capaz de cumprir apenas o início de um semi arco no espaço que haveria de ser percorrido até o alcance do açougueiro.

Desse gesto, não seguia-se nem gemido, nem berro, nem urro, nem grito. Distinguia-se muito, muito menos que isso, algo como um afogo de tormento, um bafo ainda em flagelo. Ao mesmo tempo, a umidade morta do gelo que cobria a todos fazia lembrar o suor das febres vivas.

O açougueiro-carimbador, tocado de emoção, acaricia a meia face, condescendentemente retrocede o meio corpo à posição inicial, estende sobre ele sua compaixão inútil e anuncia àquela meia carcaça:

– Calma, estamos quase no fim.

“VIDA E MORTE EM TRÊS ELEMENTOS”

de Sueka

1. AR: Fugia, zozza da sala, já arrebetada de uma asa sabia que não tão longe chegaria, após escapar de uma raquetada elétrica, o inseticida foi certo em sua direção. Afinal, humanos exigem a criação de ambientes superficialmente perfeitos, sem questionarem as entidades não humanas que existem ou tenham existido, seja nunca em lugar nenhum ou sempre em todo lugar. Foi nessa que a mosca grogue e lutando pela vida em seus máximos sentidos caiu no quintal. Seus sinais logo foram captados por um exército de formigas que a cercavam, erradicando de vez mais chances de voo daquele corpo, não mais controlado por seus comandos instintivos.

2. TERRA: O corpo inerte no chão de cimento batido. Aos poucos foram se amontoando, seguindo uma sintonia cuja ignorância procede o sentido, as formigas foram chegando. Cada pontinho preto conjuntamente tomando para si um pedaço do cadáver iniciando os movimentos.

É meio da tarde, não que esta informação seja relevante às formigas, porém a curiosidade se detém ao fato: será também dividido igualmente os restos? O corpo tomado por uma energia anima-se num ritmo que não é seu, rumo ao formigueiro, como

se o cadáver cumprisse seu último ato. Curioso dado como a morte de uns, serve de alimento a outros. Qual seria a ordem lógica da segmentação do corpo, agora pão? O morto também é alimento? Considerando em última instância a totalidade da vida na materialidade dos corpos. As formigas seguem, agora o corpo possuído pela dança da morte. Chegam ao formigueiro, buraco estreito, não passa tudo, ou melhor, todos. Separadamente começam a desmembrar, a cabeça antes separada, retiram a asa, testemunha do último pouso, logo após as patas. Uma, duas, três, quem sabe talvez a quarta e finalmente o tronco sendo aos poucos engolido pela terra. Fraccionada.

3. ÁGUA: Em outro canto da cidade, também ali trazia, na mesma hora meia da tarde, o mar banhando a terra com ondas arrebatadas na areia deixando suas marcas. Conchas, espumas, lixo humano e um peixe, que se contorcia fora do seu elemento. Não detinha domínio, aquilo era tão natural, diriam essencial, agora o sufocava.

Firme, de matéria física, em saltos almejava encontrar a vida. Barbatanas se debatiam. Pulos terminando na areia rasa, também não deixavam de ser tentativas. Neutro o mar se arrastava, indo e vindo, vezes mais depressa outras horas em calmaria. Suaves fios d'água chegavam ao peixe, deixando-o em êxtase pelo horizontal mar aberto. Aquela sendo a possibilidade máxima, porém não o suficiente para adentrar.

Nesta tarde alguma gaivota teria seu alimento de vida. E como culpá-la?

POESIAS



“[LAVO A ALFACE]” de Ewerton Martins Ribeiro

Lavo a alface como se a tentasse orgulhar.

A água caindo nas folhas

— pouca, a torneira semiaberta:

zelo o zelo, não sou eu.

Aliso cantos crespos à procura

destruo a forma natural.

Olhos maternos pousados em mim

— transparente presença azul.

Olhos que eu nunca vi, senão de través,

através. Olhos que nunca me olharam.

Presença que desconheço,

sobra e

falta.

Lâminas d’água cristalina.

O fundo do mar não é o mar.



“A COLHEITA”

de Adailton Almeida de Sousa

Na Madrugada entorpecida de sonhos lúdicos,
O camponês se levanta bêbado de inspiração,
Os olhos reluzentes como espelhos úmidos,
O peito amargurado de inquietação.

Os dedos calejados encontram a gaveta,
As estrelas testemunham o ato subversivo:
O homem retira do interior uma caneta,
Põe-se a escrever, extasiado e apreensivo.

O papel o escuta, mudo e confidente,
Através da letra corrida e irregular,
Os versos afiados e contundentes,
A caneta como bisturi a cortar.

O verbo fere enquanto a lágrima rola,
Sangra em palavras a sua dor,
Por deixar cedo os bancos da escola,
Para ainda menino se tornar trabalhador.

É nas madrugadas sob o céu estrelado,
Que a caneta substitui o arado,
Onde o papel recolhe o pranto,
Como a foice que ceifa no campo.



“A GALATEA DE CERVANTES”

de Ronilson Siqueira Castro

Oh! Guadiana! Com cheias e vazantes, cascatas, quedas d’água, corredeiras
Levaste a pedra, da nascente à beira, como se cavalgasse o Rocinante.
E a ela não restou outro caminho: As frias e escuras profundezas
A foz adiante - a única certeza - ou margens de barrancos e espinhos.

Fizeste-a, nas rochas, burilada. Na areia das encostas, bem lustrada
Polida, como fino diamante. E assim a impeliste sempre à frente,
Sabendo-a pequenina, mas luzente. Pensando que já fosse o seu brilhante.

Mas ela quis romper esse soneto. Subir a corredeira novamente
De novo ser um seixo de nascente, e não um instrumento em teu concerto.
Sentir-se dura, bruta, negra, fria... se pouco, ser ao menos um tropeço
Do ômega, fazer um recomeço e, quem sabe, derrubar mais um Golias.

E quando a boca ignóbil mal sussurra de medo, bem baixinho, entre dentes,
Seu lápis ousa, grita, berra, urra! Na aflição é que a coragem surge, pois
pedra não se
amolda facilmente. E mais que a forma, a liberdade urge.

“ATRAVESSAR” de Fred Caju

mas o que você esperava?
que falássemos das flores
na grama que não existe
do sol se pondo no mar?
ora é uma voz roubada
e desencorajada a sair
da garganta sempre que tenta
o que é que você esperava?
enquanto existir a placa
cuidado não ultrapasse
propriedade privada
não falaremos das flores
são nossas mãos no estrume
são em nossas mãos os espinhos
é com nosso suor a colheita
e você só quer a delicadeza
é o nosso sangue caçado
que sustenta o perfume
dos que escondem no porão
as heranças do chicote
e desfilam ao sol as benesses
como se nada tivessem
com isso como se fosse nossa
a culpa e deles o mérito
é claro que queremos falar
das flores e do sol se pondo
por isso vamos atravessar
tudo que tentar nos deter

“CONTAGEM”

de João Pedro Gomes

dia quente, a senhora, séria.
eu, de praxe, oito anos ou tantos
e curto demais para que do cais visse partirem suas manias
ou pensar em quais ficariam.
de perto e de hoje conto-as, carneirinhas:

3

aquilo de não ter
Estafa, rinha de mãos grandes e grossas
(suas e minhas) na bacia pesada
de coisas muitas, de gosma e de vida
pois com golpe e carinho nutrimos as massas

2

Ó, vós, e tus; bibelôs e compadres
e verbos que rezam rosários de outrora
Aço carvado, panelas brilhantes, faceira
mas sob o cenho das copas, prosaria nas beiras
(mais de noite que dia: a sabedoria das corujas feias)

1

Olhos untados que esquivam os que pecam, pois
Lei, tinha infinitas. Dom quieto e astuto
ainda que com álcool sacro nas
Canelas, saltasse catracas, se aventurasse em ruelas
boleasse os cantos quadrados de um mundo

Firmem toda a palavra dita num papel manteiga
ou numa carta passada a doce tinta
mas que reinem livres alguns dinossauros
os que borbulharam o âmbar em que, rindo, afogaram
as cabeças tortas entre seis patinhas



“DEITAR NO CHÃO E OBSERVAR O CÉU”

de Leonardo Castelo Branco

(a Iraci Castelo Branco)

O corpo quente encontra o azulejo frio, regozijo.
A alma descola do osso. A memória,
que também é um livro de carne, decola do poço.

Vários véus de noiva no céu.

Branco, azul, laranja.
A fuligem futricando segredos de ar.
A mente mente que é possível viver em um eterno segundo.

Anoitece.
O céu no cio, a vida que dá vida
a fartura de nossos limites.

Gerações

de lembranças viajam no vento
rasante no centro do peito;
um pássaro a caminho do ninho.



Mãos invisíveis costuram nas estrelas
um simétrico bordado de constelações,
a frequência do universo pulsa no azulejo.

O corpo habitado pela breve sensação da eternidade
bebe a fotografia desse exato momento,
que a partir de agora só existe em seus olhos.



“DEVIR”

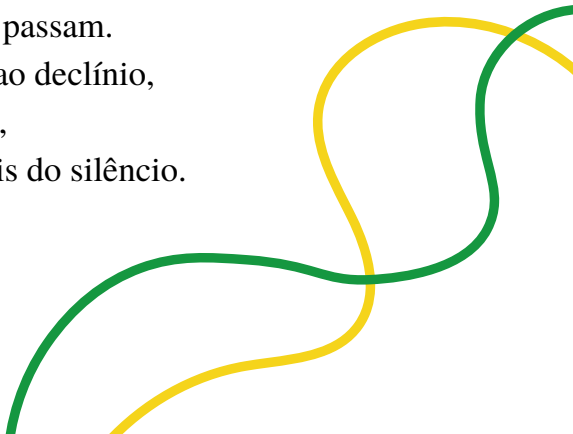
de Paulo Ludmer

Queimar a savana da etiqueta,
além da gare da retina, do subúrbio da história,
em plena orgia das vespas nas bromélias,
precede o sol a fraturar o horizonte.

Cruzar as guelras do dia, furar membranas de regras,
inscrevem no Livro da Vida, das querelas e firulas.
Sombras enxutas e marolas descansadas, nos repentes sem leme,
afagam o nunca e o nunca mais, o resto que se dane,
lixam o infinito com pólen de tanto faz.


Deuses exigentes grudam musgos nas pedras,
ferrugens nos temores, valsas em lubricidades;
afluem águas sem ossos pelos dentes dos séculos.

O tempo é uma linda mulher a secar cabelos longos,
sobre a ponte em que os cisnes passam.
O devir não é um sótão aberto ao declínio,
nem um pedaço de carne suada,
uma palavra inalcançável depois do silêncio.



“DO CANTADO SOTAQUE DE SUA MÃE”

de Laura Torres



sim, gostava das palavras cheirando a dicionário (“fímbria”, “alarve”, “inconteste”)

mas preferia as que pediam dente, dente pra mastigar:
a gíria, os demais coloquialismos e principalmente aqueles termos sem pudicícia do vulgar

a palavra suada da ruas
como diria o anjo pornográfico, aquele homem que registrava a vida como ela é

mas aos 41 anos deu-se conta
de que sua predileção pelos párias da linguagem
vinha das sílabas comidas ao final
e do cantado sotaque de sua mãe

[a mãe que demorava a pronunciar as palavras que vinham, frescas, das páginas de papel-bíblia do Aurélio com a lombada remendada com fita adesiva que ficava ao lado da coleção dos clássicos da literatura adquirida numa banca de jornal, ainda no plástico, que seriam lidos quando a mãe, exangue, se aposentasse do moedor de carne do capital. a filha, então configurada uma pequena esnobe, tinha vergonha dessa dificuldade da mãe, bem como dos livros encadernados em algo que imitava couro, que não vinham da livraria predileta da nata intelectual pequeno-burguesa que muito solenemente se alinhava à esquerda. a filha que, mais tarde, se juntaria às barricadas em que se defendia o não escovar das palavras para que brilhassem durante o uso, em consonância com os trajes de gala dos falantes daquela oligárquica norma-padrão]

a língua viva era a que a mãe falava

a linguagem sem quaisquer constrangimentos inúteis e formais

a língua menor

sua gramática e seu léxico que, aos 41 anos,

a mulher aprenderia por amor.

“DO ESGOTO, DO ABATE”

de Agostine B. Santos

fundia sílaba a cruz no escoadouro
cifrando a margem depois o perfil
de rosto e nome negados por lápides

(sua terceira margem buscava)

pegou dois ônibus integrados
pra ser premido em dobra de esteira
vendo seu sangue no neon da bile
matriz: a porca máquina de ponto

(sentira o coração se haurir da boca
no cotidiano açougue de sonhos)

uma voz decifra os seus ex-votos
clamando data em tumbas no esgoto

uma voz extrai na fuligem da fábrica
a sua chuva a lavar o odor de porcos

ambas se cruzam
em fios de outras

premidas, negadas
tripas, aranhas e rostos

em trama que se unifica
e que vigila, silente...

iscas
em teias de poema.



“ENQUANTO O OUTRO” de Paulo de Toledo

enquanto o outro
for um não-eu

eu
e o outro

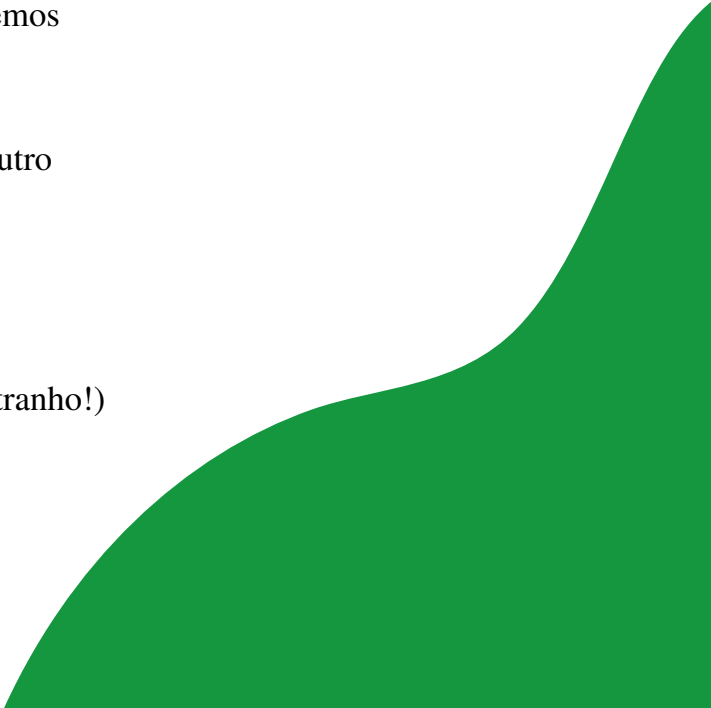
seremos estranhos
o outro

e eu
só não nos estranharemos

quando eu
compreender que o outro

é apenas um eu
a quem eu

ainda não fui (que estranho!)
apresentado



“ESCRIBA”

de Djavam Damasceno

con
trair a ave
no nome que a re
pousa

que doma
o dom do voo
ouvindo o vão
que o vento ousa

e ela ali no nome
– preciso qual gaiola –
em que se guarda a ave,
contida na redoma

mas nome se faz som
se é grito na garganta
se a boca agarra o nome
se então alguém o canta

então a ave espanta
– pássaro que soa –
no som que se faz canto
no enquanto
em que ela voa



“ESPERA”

de Júnior Lodi

Sentem os meus pés o sol já posto,
rigidez do pensamento
face da pedra que abriga,
gotas da rega que se avizinha

Carrego nos ombros, os muros
que me pesam. Em minha frente
dançam as sombras, luzes e as noites,
flores que já não cheiro

Respiro o ar pesado da véspera de um choro
mudas cigarras cegam meu pensamento
brisa da escuridão me convida
mergulho, em lucidez e uso


Meu corpo já sente as horas
cerro os olhos, retorno
comunhão rotineira dizima
vida de escassas carícias.

“EXUMA” de Sanchez

para falar do tempo,
passar pelo tempo.
tramando em cada
trama do corpo aquilo
que nunca é, aquilo
que sempre foi.

para passar pelo tempo,
vocaçãõ para coveiro
e a vontade escatológica
de escavar retalhos.
enfiar as mãos em urnas-abismos
e tentar decifrar algo nas cinzas
lançadas ao ar

antes que caiam ao chão.



“HOJE, EU NÃO VOU MORRER”

de Gabriele Rosa



estão construindo ilhas de bonecas quebradas
bonecas?

não foi por amor, nem por uma paixão forte
tampouco por honra

lágrimas geradas no ventre

dores fincadas nas raízes

faca, foice, canivete

arma de fogo

tesoura, machado, enxada

perfurações diversas

estrangulamento estupro agressões abusos assédios torturas
mutilações espancamentos

morte: crime de ódio

13h02min abri a porta de casa nas mãos bolsa

chaveiro as duas sacolas de compras do supermercado celular
com 2% de bateria

tontura visão turva batatas lavadas em vermelho-vivo
cambaleando pelo

corredor recém-pintado

13h04min ele não encontrou a carteira na mesinha de centro
aquela de eucalipto reflorestado que escolhemos juntos
caixa postal deixe o seu recado
engrenagem perversa
punho cerrado e certo
não ensinam nas escolas a romper com os silêncios que nos
esmagam
como desaprender sintomas?
devoradas desde a infância
rostos esfacelados também sorriem enquanto lavam a louça de
domingo.



“IN”

de Ronaldo Honorio


Inefável, então, silente em seu
Zeloso reino de encantos.

Constante em teus labirintos
In (Ternos).
Doce. Ácida. Balsâmica. Airosa.

Inequívoco desejo orvalhando no ventre.
In (certezas) minhas.
Insanidade.

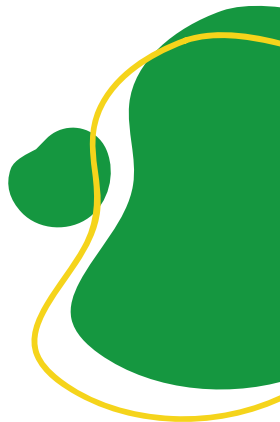
À tarde, pereço em tons rubros
Nos ventos cálidos em teus cachos negros e úmidos,
E no interstício da volúpia dos meus ímpetos.

E curvo-me ao silêncio. Exilado dos teus reinos.
In
Visível.



“ÍNTIMO DA CONDIÇÃO” de Felipe Alvarenga

agora é a ocasião para que
busquemos o que restou do nosso
caso: nascente
de eclipses e símbolos...
espero superar nossa existência provisória,
fundamentada pelo devaneio a
germinar mais uma vez nossa
história ou pela dor de anunciar nosso fim, que na
intercorrência do tempo se aproxima,
justo quando a revelação da natureza irrompe em estilo
kafkiano e faz de mim um bicho-oráculo com a
liberdade de redescobrir sua constância em
manipular os oceanos-lembranças [que nadamos] e os
nômades-anseios [que murcharam] ao desfrutar
outros corpos, feito um
pássaro cobiçoso doutros ninhos,
queixoso de cantar a mesma cantiga que
rádio nenhum toca...
será que foi o tempo que a tudo nos tinha dado, agora
toma para si o que é de direito num
ultimato a clamar por nós, a vozear nossos nomes:
vicente [olhar envidraçado, corpo tropical, reservado] &
walter [dissimulado, voz impostora, coração vazio]: somos a
xilografura perdida dum cordel não publicado, a atuação do
yin-yang, eu a luz crescente e você a escuridão blindada a
zelar por nossos encontros desencontrados.



“JANO TRAVE AS DIRAS PORTAS” de Alves Pereira

Há muito tempo fui rei — e deixei
que a coroa enferrujasse.

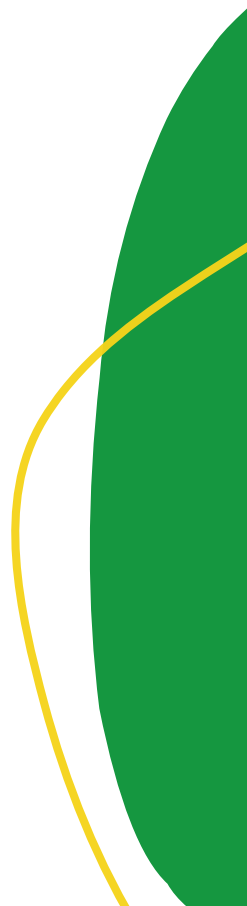
No lugar do cetro, uma bengala
de velho rengo pus.

A luz que me afugenta a face
antes me tinha faceiro:
era o sol que alumbra o outeiro
e o som que o sossego embala.

Mas outro sou, mais antigo e benfazejo.
O que desejo é o de sempre estado nato.
Não um reles retrato das linhas
que um dia me compuseram
e hoje já não me sabem contornar.

O que desejo é o parto,
quando o mundo todo para
só para me ver parir.

Ser a menina dos meus próprios olhos,
a mãe em si
de si.

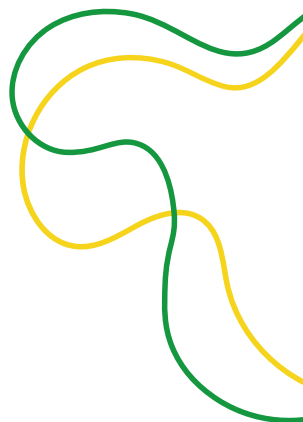


Dentro em pouco, renasço,
reencarno. Todos os dias, a toda hora.
Deixo as mágoas de antes,
lavo-me nas águas de agora,
estico os braços e me espalho por todas as coisas.
Eu sou o futuro.



“MANÁ”

de Leonardo Vieira Soares



Uma coorte de nanquim dispersa-se
Sobre a brancura de um tratado ferozmente assassinado
Sob um aperto de mãos.

(O contentamento sorri em faces de cédula).

Porém, diferentes, sentamo-nos ante as chamas de um abeto
florido,
Com as mãos espalmadas sobre a noite.

A modéstia é um bem – imanente –
A quem dela sequer necessita.
Pois a ferrugem e o sereno acolhem, sem deliberação,
A ausência de qualquer anseio maior.

Partem-se as folhas sob os pés,
Evolando seu oloroso som de argila e madeira;
Aqueles outras, imaculadas, valiosas...
Como não se apiedar das folhas não destinadas
Ao retiro dos pés,
Mas precificadas e violentadas de mãos em mãos?

Sigo contente com a muda brisa no rosto,
Com a Lua a brilhar vicejante por entre galhos
E olhares fantasmagóricos e desatentos;
E com o pão da manhã a transmutar
Seu Sol dentro do meu âmago nulo de palavras
No maná sem preço da minha salvação.

“MISSA OU BALADA” de Jefferson Rego

Mariana

Mesmo minhas mãos sujas
de PALAVRAS e ESCOLAS
o sol segue cochilando
do outro lado da RUA
e de mim

Mesmo outras feridas na CARNE
e essas lutas sabotadas na agenda
esquecida entre as vértebras
é preciso dobrar as esquinas
que desconheço
e de AMOR de repente
calejar-me

Mesmo sexta à noite retalhado
sem Hilda ou BANDEIRA
e a tua frente diante
da minha CINTURA
é preciso muito credo e desejo
para ser quem não crê ou dança
seja missa ou BALADA

É preciso ser não muita coisa
ou não ser coisa alguma
senão POETA

“NÃOS NAUS NUS NÓS”

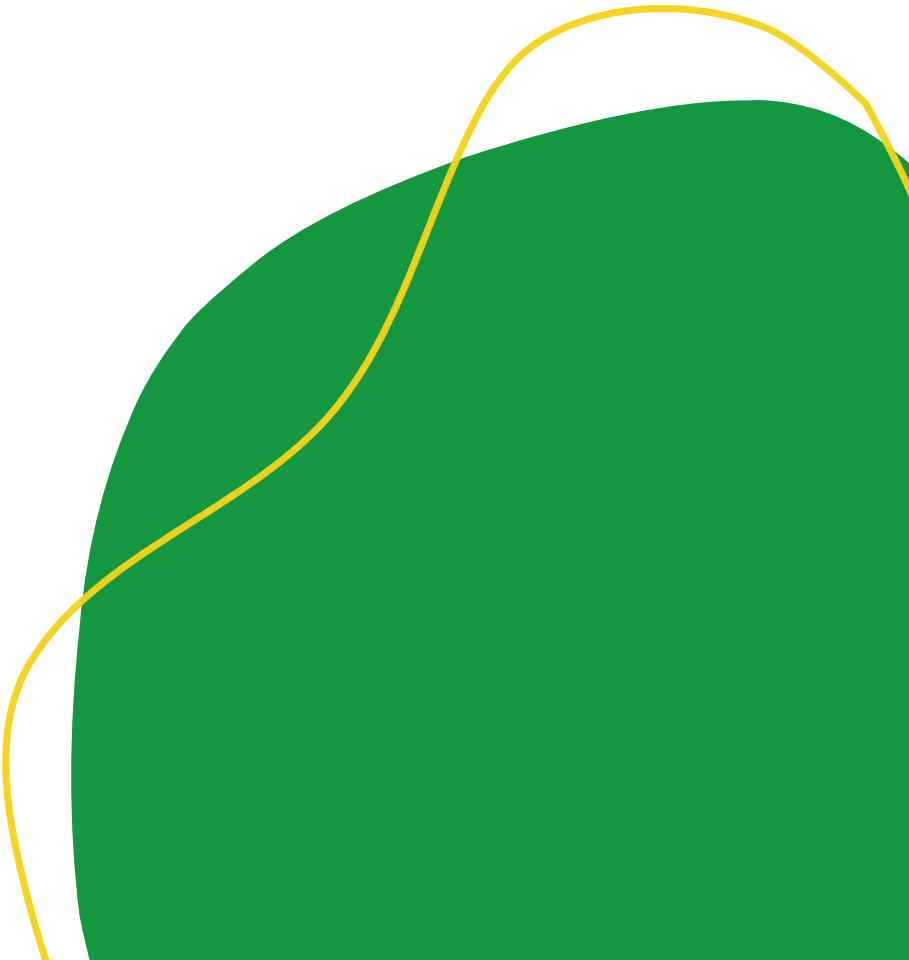
de Francine Delavald Bottoni

Volta aqui,
segura em mim como se fôssemos tartarugas
a inventarem mãos
a inventarem nãos.

Nãos inventados
Nãos invertebrados
em mim, pra eu criar a minha própria coluna as minhas próprias
mãos
pra eu inventar onde segurar o corpo onde segurar as mãos
sem ser no teu pescoço no teu nariz no teu olho na tua vagina
imagina
que eu te amo do tamanho de uma volta ao mundo e por isso
preciso ouvir sobre a tua volta
a tua volta aqui
atua, volta aqui
preciso ouvir sobre o teu sim pra não abri-lo dentro de mim
dentro do fim.

Eu preciso ouvir o teu não, como não
mas como
como, se ser homem é ter mãos que enfiam é ter nãos que
desfiam?
Desfiados, desfeitos, desfazem corpos mãos mulheres.

Volta aqui,
segura em mim como se fôssemos tartarugas
a inventarem mãos
a inventarem nãoos
 naus
 nus
 nós.



“O BRAGAL” de Robert Portoquá

O bragal do meu traçado apodreceu
Melhor assim, quem sabe agora
Pontas soltas, rotas
Melhor tracem minha rota

Vou seguir desde a alvorada
Conhecer o pôr-do-sol
Me molhar na chuvarada
Descobrir quem inventou

A era do fingimento
O passadismo eterno
O terno do irmão
A hipocrisia do cidadão

Sinceridade é exclusão
anti-social, chata, anormal
Incomoda a quem?
A verdade tardia que vem?



“PALAVRAS COMPONDO ESTRELAS” de Daniela Reis

A engenharia constrói
prédios curvos com materiais lineares
mas o engenheiro carece de instrumentos
para se reerguer após um desmoronamento íntimo

A medicina enxerga
um tumor através de um corpo maciço
o elimina sem recorrer ao corte
e todavia se esconde quando a morte entra na sala

A química distingue
elementos comuns entre o cosmos e o leite materno
ainda que não explique
como uma mãe compõe a substância de um universo

A astrofísica aponta
as coordenadas da Terra na Via Láctea
sem esboçar um meio factível
de estar fora da grande tigela de leite estrelar

Tudo que é despropositado
tudo que é imponderável
tudo que é dilacerante
tudo que é sublime

Faz flutuar quem orbita as palavras



“PECADO CAPITAL”

de José dos Reis Santos

Caí do pedestal
Dos meus sonhos.
Em queda livre,
A realidade bateu
Na cara
Dura
Nua
E crua.

Num voo em vertigem,
O sonho virgem,
Impúbere,
Sem úbere
Nem “uber”
Para vagar
Pela urbe.
Incólume.

Do palco iluminado
Para a amarga rua:
A amargura.
Fruto da ciência
Da ruptura
Do tecido social,
Do pecado capital:
A usura.

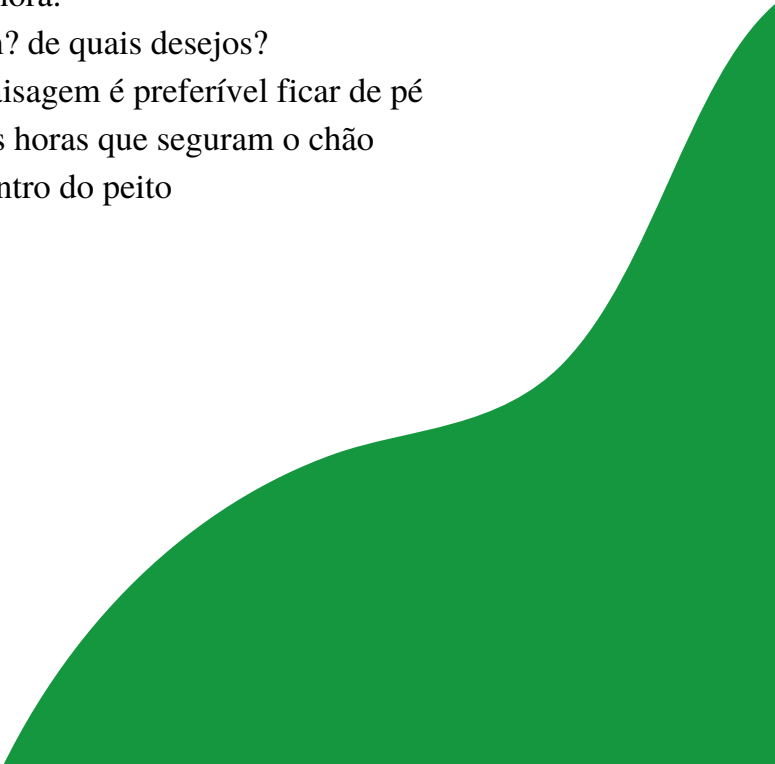
Das ruínas causadas
À dor das cinzas,
Restou-me o lamento.
E a voz do vento:
Do pó viestes
Ao pó tornastes.
Quantas vidas
Ceifastes?

É a pergunta que cai
Em queda livre,
Vertiginosamente,
Sobre meu remorso
Vadio
Vazio
Tardio.
E só.

“PREFERENCIAL”

de Lorena Luana Dias da Silva

no banco da frente sigo olhando a janela
os carros nunca saberão das armadilhas
dos cantos das aranhas que me visitam
envelheço nos primeiros bancos
são meus por direito
minhas veias não escodem os anos
pode sentar, senhora.
senhora de quem? de quais desejos?
para ver outra paisagem é preferível ficar de pé
rápido incham as horas que seguram o chão
o corpo senta dentro do peito



“REFUGIADOS”

de Álvaro Santi

Quando a guerra acabe
(é o que sempre falam),
voltarei pra casa.
Vou rever meus pais.
brincar no quintal
sem preocupações.

Tenho doze anos
e nenhuma pátria,
neste mundo imenso
onde o deus progresso
distribui fronteiras
a torto e a direito.

Onde a religião
vira fanatismo,
prospera o comércio
de todas as armas,
minas e muletas
- nunca o de brinquedos.

Minas de ouro e prata.
petróleo e diamantes,
verdadeiros nomes
de outros tantos deuses,
em nome dos quais
adultos se matam.

Quando a guerra cesse
(sempre me prometem),
voltarei pra casa
onde nunca estive,
pois nasci num campo
de refugiados.

“REZADEIRA”

de Marcello Silva

Seus olhos marejados
Enquanto em seus lábios deslizavam preces
As contas gastas do rosário marrom

Birica era rezadeira
E os sussurros sagrados só ela sabia
Aqueles segredos das orações
Quebrante
Pinhão-roxo
“Em nome do pai, do filho e do espírito santo. Amem!”
E o curumim sorria aliviado das energias ruins
Birica aprendeu os mistérios das rezas
Com alguma outra Maria
Avó ou tia
Madrinha, talvez.

Menino tristonho
Fastio, cabisbaixo
‘Leva na Birica’
E a cria voltava saltitante, correndo morro abaixo
Depois que Birica morreu os curumins nunca mais foram
alegres.



“SANGUE LAVADO”

de Lenoa

Como preto é mais alvo do que a neve?
Como branco não é alvo como preto?
E se a África pra cá Bíblia trouxesse,
Portugal orixás ao invés de terços?

Então Jesus aqui seria o diabo
E geral hoje “bateria um Tambor”.
Eu nasci com esse alvo assim inato,
Ou foi um algum maldito que implantou?

Como alvo é sinônimo de limpo?
Como limpo é a antítese de preto?
Se o preto é o alvo favorito.
Sua mira, atraída o tempo inteiro.

Então é fim! a nossa morte cor de rosa.
Sua mão branca o meu sangue é vermelho.
No escuro não me vê, mas o alvo nas costas
Dardos na sua posse é seu maior desejo.

Sou maldita e ainda sou cordeiro.
Sua “descoberta” causou chagas profundas.
Queria eu partir com o nome verdadeiro,
E não levar um Silva pra minha sepultura.

“SEMENTEIRA”

de Clara Baccarin

tenho feito teias
nos cantos invisíveis da sala
soprado canela pelas costas
e sal grosso na entrada
não tenho me preparado
para nenhuma data festiva
a casa não espera nada
nem os passos na noite
nem os voos do dia
tenho sido mais com os olhos
silentes, quem vê pacientemente
talvez possa encontrar
os fios da meada do oráculo
mais escancarado
sem verbetes
mas cheio de texturas

libertei minha vida
dos limites do calendário
e dos anos que me restam
desliguei os anseios dos passos
teço hoje o que meu corpo inteiro pede
— e continuo tecendo —
sem me preocupar em perder
um trem indispensável
que passasse

jogo minhas mandingas
em silêncio
hoje planto árvore
que não precisa existir
no meu tempo



“TERGIVERSAR”

de Francisco Falabella Rocha

eterno como Pessoa, estranha
como seu terno; moderno e ultrapassado

[artista é quem transforma]

ternura do passado em versos
caráter frouxo de verme
ou incontinência do verbo
ser: lonjura de perto
na nostalgia dos piores dias
a vida como um anúncio etéreo
sobreviver por simples teimosia

[artista é quem traz à forma]



a escrita secreta: do pó à poesia esquelética
no circo aberto da vida de Lemisnki
ler versos como bulas de remédio
pílulas de fantasia, gotas de amargura
na tessitura de Elliot, sonhar com o deserto
na melodia de Ezra, que se desprende da dança dos dias
na precisão poética de Herberto Helder, em que as mãos são
máquinas afetivas
viver a emoção terrena de Vinícius, em seus brilhantes versos
calhordas-patifes
na verborragia violenta de Gullar, de tentar e sempre sempre
sempre falhar

[artista é forma]

que leva no vento o sentido do verso
e no embalo do mar de Minas Gerais, ser mais gauche que
Carlos
ou viver na eterna embriaguez de Charles Baudelaire
entre o abismo ou o buraco

[seu chão é o ar]

a vida é sempre outra coisa
movimento contínuo de tergiversar.

TROVAS



“ABANDONO”

de Marcos Antonio Campos

Um menino rejeitado,
posto no lixo a chorar,
é um anjo abandonado
sem asas para voar.

“ANTEMANHÃ”

de Carlos Alberto Suniga dos Santos

A vida é coisa imprecisa,
como folha em turbilhão;
antemanhã que divisa
o agora de sua amplidão.



“AUSÊNCIA”

de Gilliard Santos da Silva

Quando ela distante estava
eu vi da saudade a cor
enquanto me desmanchava
em versos cheios de amor.

“BANDO DE ANDORINHAS”

de Luciano Izidoro de Borba

À glória do sol ardente,
voa bando de andorinhas,
que conectado e contente,
ensina nas entrelinhas!



“BELEZA”


de Andre Luis Soares

Procurei pela beleza
durante uma vida inteira;
encontrei-a — tão indefesa —,
nas flores da cerejeira.

“CADÊ?”

de Elvira Drummond

Dizia a menina aflita:
— Mamãe, cadê meu buquê?
Hoje, o vazio ela fita:
— Ó mamãe, cadê você?!



“CONSCIÊNCIA!”

de Irene Curcelli

Vivo a vida que mereço
por um erro cometido,
ser feliz a qualquer preço,
é viver arrependido!

“ENFERMEIRO”

de Zenair Borin

O tempo tratou as feridas
Sem legar ao esquecimento
As pessoas tão queridas
Colhidas antes do tempo.



“ESTRELINHA”

de Geraldo Trombin

Quando a estrelinha avistei
lá no céu (tão reluzente)
– é o meu pai! – logo pensei,
a luz na vida da gente!

“FÔLEGO”

de Ricardo Camacho

A vida jamais azeda,
À luz da resiliência,
Evita sorrir na queda,
Quem chora na resistência.

“LIVRO”

de Ronaldo Dória dos Santos Júnior

Posso percorrer lonjuras
sem tirar os pés do chão.
Eu vivo mil aventuras
só com um livro na mão.

“MÁGOA”

de Mauro André Oliveira

A mágoa que me fustiga
procuro esquecer na prece,
embora a razão nos diga
que mágoa ninguém esquece.



“MARULHO”

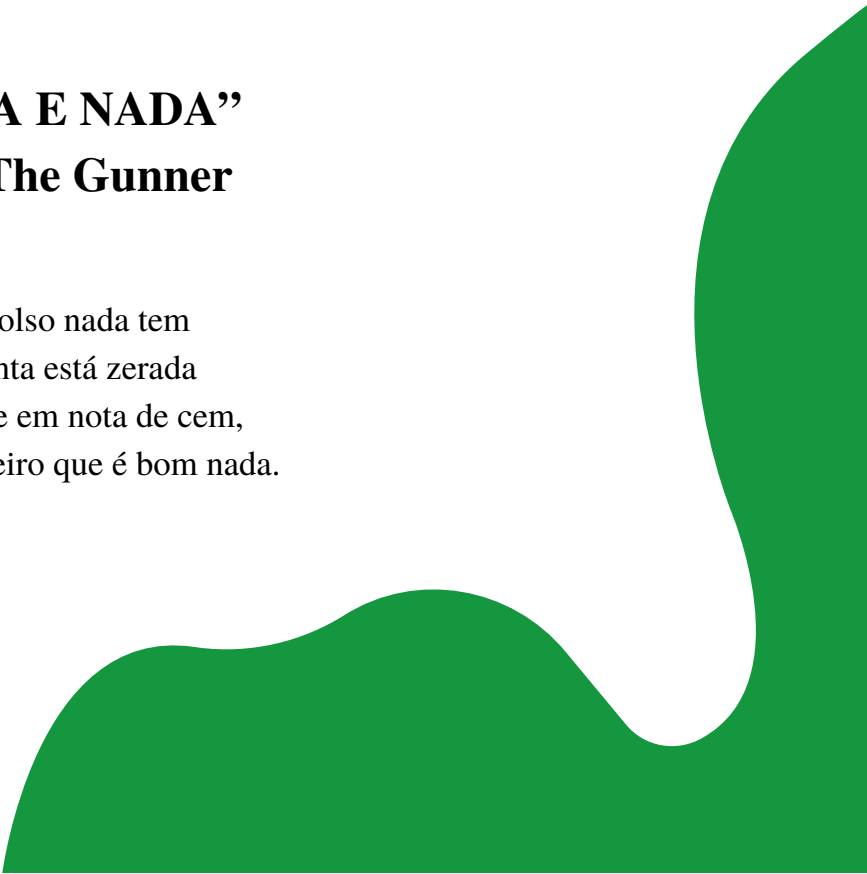
de Nilzinha Menezes dos Santos

Noturna sigo, pela linha do mar;
Cativa me leva Solidão pela mão.
Marulho das ondas, um acalantar.
Um trem vai ao longe; escuridão.

“NADA E NADA”

de The Gunner

No meu bolso nada tem
Minha conta está zerada
Tem peixe em nota de cem,
Pois dinheiro que é bom nada.



“PROFESSOR”

de Aila Maria

Professor aponta o norte;
Preparando para a vida;
ao pupilo dá suporte
para enfrentar sua lida.

“SINA”

de Vera Figueiredo

O destino borda e pinta
Os caminhos dos humanos
Às vezes escorre a tinta
Às vezes se perde o pano



“SOCORRO”

de Adryelly Rosa

Meu lar ficou distante
A lua não brilhou mais
Coração delirante
A buscava pelo cais

“TROVA DA TERRA”

de Natan Campos

Espero que um dia eu possa
Ver o fim da injusta guerra,
Que esta terra não é nossa,
Nós que somos desta terra.



“TROVADOR”

de Frederico Brito

Canto trovas, rimo versos
o tempo todo, sem parar.
Trago à tona, submerso,
o encantamento do trovar.

“VERDADE”

de Pedro Paulo Paulino

A verdade é como sal
Que se bota na ferida:
Arde, sim, mas afinal
Não a deixa apodrecida.

(trova sem título)
de Déa Araujo

Mate a saudade de mim
um pouquinho a cada dia,
pois saudade não tem fim
e se crescer... que agonia!

(trova sem título)
de Deisilene Almeida de Oliveira


A foto velha na estante
Foi o que sobrou de nós dois.
Seja intenso a cada instante,
Porque não existe “depois”.

(trova sem título)
de Denivaldo Piaia

Sim, viver sempre compensa,
faça valer mesmo a pena,
pois a vida é muito intensa,
e ao mesmo tempo... pequena!

(trova sem título)
de Dirceo Antonio Leme de Melo

Vazio e também deserto
Na solidão desta alma
Futuro orbita incerto
E só a fé é que me acalma.

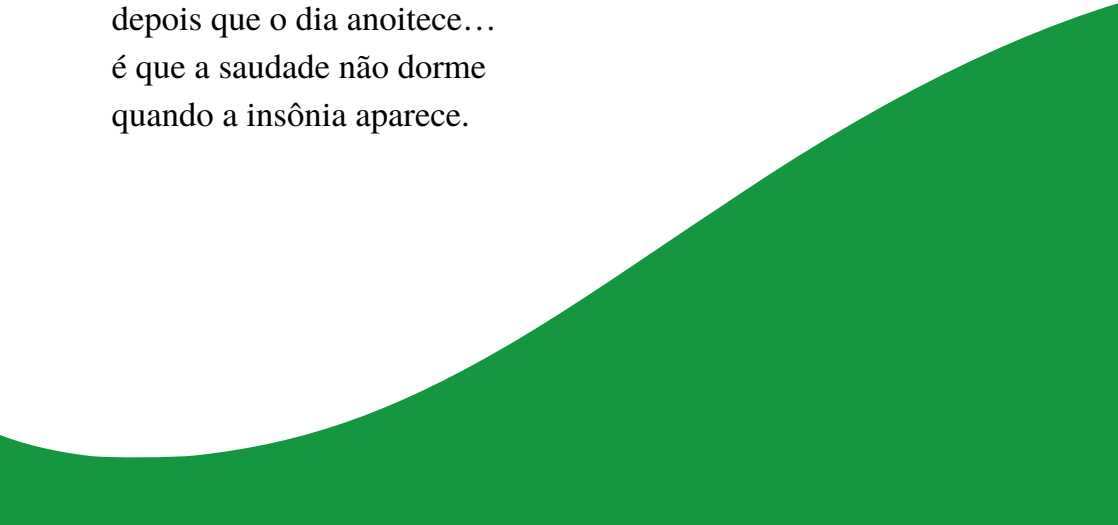


(trova sem título)
de Fernando Bueno

Se com força bate ainda
Este velho coração
Seja então muito bem-vinda
A causa desta paixão

(trova sem título)
de Francisco Gabriel

Minha tristeza é enorme
depois que o dia anoitece...
é que a saudade não dorme
quando a insônia aparece.




(trova sem título)
de João Libero

Felicidade se explica
Passa por nós bem ligeira
Vai-se embora e só fica
Saudade pra vida inteira

(trova sem título)
de Luiz Eduardo de Carvalho

Meu coração me contou:
apaixonei-me demais,
mas que pena, só durou
um soneto e dois haicais!



(trova sem título)

de Paulo Roberto de Oliveira Caruso

Como é que eu posso te amar?

Não sentes o amor que eu sinto!

Mas como então te arrancar,

se o meu peito é um labirinto?

Viçosa, Minas Gerais, 2023



**PREFEITURA
DE VIÇOSA**

SECRETARIA DE
CULTURA, TURISMO
E ESPORTES